



ISSN 2358-3320

Editorial
FOLHAS USADAS NO RITUAL DO BATUQUE

Luiz L. Marins
A TRANSCRIÇÃO FONÉTICA DAS CANTIGAS
DOS ORIXÁS NO BATUQUE DO R.S.

Vilson Cgetano
YALODÉ

Editorial
CABINDAS, HISTÓRIA - CRENÇAS - USOS E COSTUMES

Mateus de Lemos Rodrigues
AS SEITAS RELIGIOSAS EM ANGOLA



04/11/2014

Redação



Erick Wolff

Editor - Diretor

Diretor Espiritual do Ilê Axé Nâgô'Kôbi



Dr. Roberto Tamelini Jr.

Jurídico

Iniciado no *Orisálismo* Afro-sul

ISSN 2358-3320
www.olorun.com.br

Conselho Editorial

Yasmin Pastore Abdalla
Isabella Annicchino
Roberto Tamelini Junior
Rodolfo Presti



CARTA DO EDITOR

Nesta edição a Revista *Olorun* traz a continuação da série sobre Cabinda, um estudo sobre religiões em Angola, mostrando também algumas folhas iorubá usadas nos rituais do Batuque.

Boa leitura

Erick Wolff8

ÍNDICE

Editorial

FOLHAS USADAS NO RITUAL DO BATUQUE p. 07

Luiz L. Marins

A TRANSCRIÇÃO FONÉTICA DAS CANTIGAS DOS ORIXÁS NO BATUQUE DO R.S. p. 11

Vilson Caetano

YALODÊ p. 27

Editorial

CABINDAS, HISTORIA - CRENÇAS - USOS E COSTUMES p. 29

Mateus de Lemos Rodrigues

AS SEITAS RELIGIOSAS EM ANGOLA p. 59

FOLHAS USADAS NO RITUAL DO BATUQUE

FOLHA ÂMUKÂN

Esta folha é conhecida como vinagreira, azedinha, caruru-azedo, caruru-da-guiné, quiabo-roxo e rosela. Da família do Hibiscus, o seu nome científico é *Hibiscus sabdariffa* L., *Malvaceae*.

Uma erva de Xangô, elemento Fogo/Masculino, usada em rituais específicos, para proteção. “Com as folhas da vinagreira prepara-se um êfô¹ – caruru de folhas – que é oferecido a Sângó Airá, nas casas de candomblé de origem jêje-nagô. Na África, os iorubas atribuem a este vegetal os nomes *â mukân*, *isápá* e *isá-pá funfun*” (José Flávio, p. 174.) [o grifo é nosso]

Esta folha pode ser usada em *Omi-âse*² ou em determinados rituais vinculados a Sângó.



¹ Êfô – cozido vegetal.

² *Omi-âse* – água de ervas para rituais, banhos e assentamentos.

FOLHA ORO

Esta folha é muito usada no Batuque, é praticamente uma folha fixa, que pode ser usada para todas as divindades de dendê (Bara, Ògún, Oyá, Sàngó, Odé, Otim, Obá, Òsanyì e Xapaná). Conhecida como Boldo-paulista, *alumã*, boldo-japonês, boldo-brasileiro, nome científico *Vermonia condensata baker*, *Compositae*.



Uma erva de Ògún, elemento Terra/Masculino. Conhecido por "Oro no Batuque," também conhecida nos candomblê jêje-nagô pelo nome de **éwóró**, e utilizado nos rituais de iniciação, *ágbo*³, banhos de purificação e sacudimentos. Verger (1995:734) atribui ao *álumón* os nomes iorubas *Ewúro jije*, *ewúro gidi*, *ewúro oko*, *ewúro*, *pákò* e *orín*" (José Flávio, p. 83.) [o grifo é nosso]

É preciso informar que no ritual do Batuque preparam um *éfô* de Oro, misturado com carne e servem para *Sàngó*, muito semelhantes ao *éfô* da vinagreira a qual oferecem para *Airá*.

Esta folha pode ser usada em *Omi-àse*, assentamentos ou cozidos.

³ *Ágbo* – Infusão de determinadas ervas, acrescentado de alguns elementos para banhos e preparos ritualísticos.

FOLHA DA FORTUNA

A folha da fortuna possui um papel importantíssimo no ritual do Ebôri⁴, seu nome yorubá é Ábámódá, nome científico *Kalanchoe pinnata*,

Também considerada uma folha fixa nos rituais do Batuque, ela está presente em vários rituais, e pode ser usada para todas divindades (Bara, Ógún, Oyá, Sàngó, Odé, Otim, Obá, Osanyì, Xapaná, Òsún, Yemonjá, Òṣàálá e Orí).



Uma folha muito usada para Èsù, Òṣàálá, Sàngó e para os Orisá funfun, incluindo nos rituais de Orí.

Esta folha muito usada em Omi-êrô⁵, assentamentos e determinados rituais.

⁴ Ebôri – Ritual ou sacrifício para alimentar Orí espiritual.

⁵ Omi-êrô – água calmante, usada para rituais de Orí, ou determinadas divindades.

BIBLIOGRAFIA

Fonte folha *àmukán* - José Flavio Pessoa de Barros, Eduardo Napoleão, *Ewé Òrisà*, Uso Litúrgico e Terapêutico dos vegetais nas Casas de Candomblé Jêje-Nagô

Fonte folha oro – José Flavio Pessoa de Barros, Eduardo Napoleão, *Ewé Òrisà*, Uso Litúrgico e Terapêutico dos vegetais nas Casas de Candomblé Jêje-Nagô, p. 83.

Fonte folha da fortuna - Pierre Fatumbi Verger, "Ewe, o uso das plantas na sociedade iorubá", 1995.

A TRANSCRIÇÃO FONÉTICA DAS CANTIGAS DOS ORIXÁS NO BATUQUE DO R.S.

Luiz L. Marins

www.luizlmarins.com.br

Segunda edição

Os discos de Abelardo Pereira

"Para conservar a memória
e resgatar a cultura"

Setembro de 2014

INTRODUÇÃO

Transcrição fonética é o ato de grafar o som, tal qual se fala, ou se ouve. No caso das religiões afro-brasileiras, esta é a única forma de preservar fielmente a herança fonética africana.

Este ato nada tem a ver com reescrita em suposta língua original segundo a reinterpretação de quem ouve como fazem atualmente alguns pseudo tradutores atuais que utilizam dicionários.

Abelardo Pereira

A primeira transcrição fonética que conhecemos foi publicada por Abelardo Pereira, nos discos de título "*Este é o Nagô do Rio Grande do Sul*", Artes Discos, nos anos 70/80. Não temos notícias de transcrições anteriores a esta data. Se houverem, agradecemos a informação.

Graças à colaboração de Marco Gasparini (Baba Marco de Xango), que enviou-nos gentilmente as imagens dos discos de Abelardo, publicaremos nesta segunda edição também a transcrição fonética de Abelardo Pereira, até onde sabemos, a primeira realizada.

A transcrição realizada por Abelardo foi escrita em português, expressando exatamente o que se cantava, e o que se podia entender de ouvido. Felizmente, não houve nenhuma tentativa de reescrever o ioruba, o que certamente incorreria em erro.

Do ponto de vista musical, o ritmo gravado por Abelardo é de longe muito mais agradável do que o que se ouve hoje. O toque de Abelardo tinha um tun dun com um tambor afinadamente grave e ritmicamente bem marcado, sem ser acelerado, como hoje se escuta. Disponibilizamos uma pequena amostra aqui <<http://culturayoruba.wordpress.com/biblioteca-orixas>> na pasta Áudio.

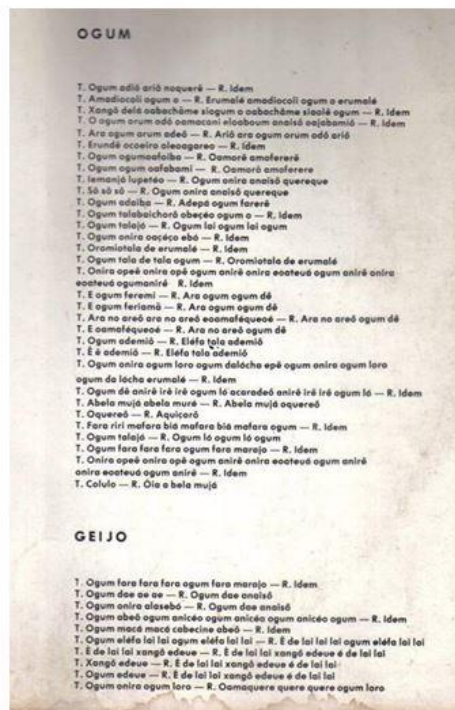
O DISCO DE ABELARDO

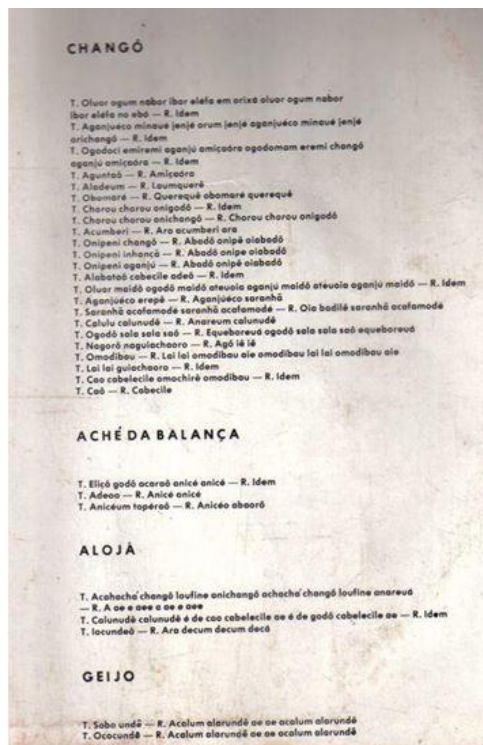


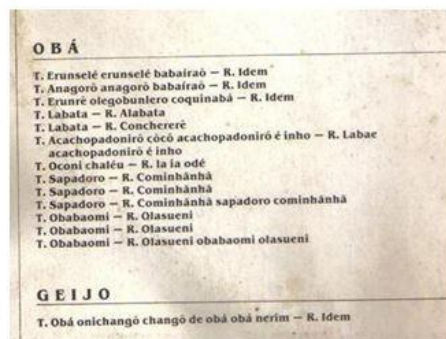
Foto do disco de Abelardo Pereira - fonte: Site Mercado Livre

EDIÇÃO COMPLEMENTAR

Esta edição é um complemento da edição anterior publicada no n. 14, de julho de 2013. Apresentamos nesta edição apenas a transcrição fonética do tamboreiro Abelardo Pereira, que não foi possível publicar naquele número.







ODÉ OTIM

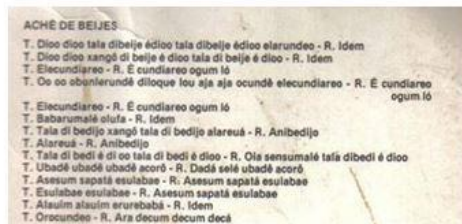
T. Osampa erepé amam oluro erepe - R. Idem
T. Minerò minerò odé minerò minerò odé o - R. Osampa minero odé
T. Odé omata - R. Otimborò odé
T. E mota é mota timborò - R. Odé omata timborò
T. Odé omata - R. Timborò odé
T. Ajacuna pamirò ajacuna ajacuna pamirò o ajacuna olemote emote
afariteo ajacuna pamirò - R. Idem
T. Olemote emote afariteo - R. Ajacuna pamirò
T. Odé pamilaro - R. Idem
T. Odé pamilaro safamodé - R. Pamilarò safamodé
T. E aba o aba odé - R. Ara çoço a odé
T. Cecarelé cecarelé - R. Ace ace carelé
T. Digalaire lairepé digalaire lairepé digata - R. E epé digalaire lairepé
digala
T. Eberetáilá ebereçulá ebereçulá ae ao - R. Idem
T. Otim e ae - R. E ae
T. Otim acoró - R. Acoró
T. Otim abesú - R. Acoró
T. Eloamachite adibeó - R. Idem
T. Beni beni seodéo beni beni seodéo acacáo daó cunfarere beni beni
seodéo - R. Idem
T. E a coquinoqué - R. Oqué acoquino oqué oqué
T. Odé cemalala ceçumalé odé cemalala ceçumalé - R. Oró Oró cundé
odé cemalala ceçumalé
T. Ogum beó - R. Idem
T. E edioé - R. Adioé
T. Adioelo - R. Adioeloogum
T. Colimote coní chabim - R. Otim
T. Ellibobó é com eleci com eleci ocutáo - R. Idem

GEIJO

T. Eleoabrequete o abrequete oara - R. Oia bobó e o abrequete o
abrequetcoara oia bobó



X A P A N Á
T. Asagero lafuao acaerumalé - R. Idem
T. Elemobelefa chorou imobelefa chorou - R. Idem
T. Elestamá baland - R. Asagero baoni onibé ele asagero baoni
T. Talafao elefatafa fumalé - R. Idem
T. Inabau inabau equebau ebelise odé - R. Idem
T. Ocum ese - R. A se ese
T. Ae alalula lucachumalé - R. Idem
T. Eduedlucachumalé - R. A se alalula lucachumalé
T. Ae se eorumá eorumá - R. Ae se eorumá eorumá afábami baoré
T. Asuica selo selo - R. Idem
T. Asuica colo colo - R. Asuica selo selo
T. Lepo lepo lepo - R. Colejan jan colejan
T. Ninha ninha ninha - R. Cole janjan colejan
T. Emudiá mudlá mudlá cotan - R. Idem
T. Acaraloque loque loque - R. Idem
T. Xapaná obelao orixá obelao - R. A se erumalé
T. Sapatá cutami - R. Olomilao
T. Sapatá coebamo - R. Olomilao
T. Sapatá obenite eo eo - R. Sapatá obenite obenite eo eo
T. Elebaronite obelao baronite obelao - R. Ele dandá baronite obelao
T. Beloja belojo ololinha - R. Idem
T. Vamo dela itaba iedó - R. Idem
T. Lebo lebo lebo lebo - R. CArembó carembó
T. Xapaná an xapaná mandou queré xapaná mandou queré eo queré ae se - R. Idem
T. Equeque maltá - R. Idem
T. A copa oadé - R. Lanoribá lanoriché
T. Sapatá saboe anisó anisob - R. Idem
T. Soboe sapatá manda sunsi obochire na suréba xapaná abeçao - R. Idem
T. Bará bará nichoró sapatá luquelema nichoró - R. Idem
T. Bará seréundé sasaru onipé bara seracundé sasaru onipé - R. Idem
T. Cara moquelema cohepara moquelema moquelema cohepara moquelema co - R. Idem
T. Moquelema moquelema amorisó ese moquelema moquelema amorisó ese moquelema moquelema amorisó ae se omosequeba moquelema amorisó elebará - R. Idem
G E I J O
T. Iemanjá chegou sumabeum amareró - R. Idem
T. Gamarasu beo eo - R. Idem
T. Quando gama chegou calmai o pepe calmai o pepe sapatá quando gama chegou
T. Abonisé sapatanisó ae - R. Aguanisé ae sapatanisó ae R. Idem
T. Soboe soboe amorisó ae amorisó nanaberequeti amorisó - R. Idem
T. Sol sol sapatami sol sol sapatami - R. Anareue eogum lai lai lai
T. Baliquebalalo - R. Idem
T. Gama jarró jarró gama jarró jarró sapata cutami - R. Idem
T. Alupó - R. Pá pá
T. Alupó - R. Amasepé



O X U M	
T. Faladé omiotala lele murañ - R. Oxum taladé	
T. Oxum taladé omiotala de erumalé - R. Oxum taladé	
T. Oxum taladé omiotala lele murañ - R. Oxum taladé	
T. Oxum taladé omiotala lelemio - R. Oxum taladé	
T. Alaueti oxum - R. Alaueti	
T. Iebami oxum piolomi Iebami oxum pletomi Ielepandá etufá tagareta Iebami oxum piolomi - R. Idem	
T. Ieleo oxum pererema - R. Idem	
T. Oialeo eleuati oxum eleuati oxum pandá - R. Idem	
T. Alasicum - R. Eleuatiobá	
T. Ogumpení leuá - R. Omineora óradra omineora	
T. Aubere aubeque aveni oxum - R. Idem	
T. Acentio - R. Aubere aubere	
T. Oxum épada para eleo - R. Idem	
T. Olomilo oxum - R. Atoniré olomilo oxum atoniré	
T. Adunené abimio - R. Oxum perere oxum perere	
T. Alo éinbo - R. Báleuá leuá oxum beleuá	
T. Edibamboleio anupemio - R. Edibamboleio anupeuao	
T. Achioxum pandalosimio - R. Erum eleua achioxum erum elé	
T. Pandá como como oxum otodeo - R. Amaloré orixá óleleio amaio	
T. Pandalosimio - R. Ominilabauaxaim	
T. Pandalosimibeum - R. Ominilabaxebó ominila	
T. Onimamfilum - R. Aladé lele elum oxum maguéli	
T. Perere ogum auma auma perere ogum marogum - R. Idem	
T. Oadeo oire adeuá ominilaba adeo oire adeuá - R. Idem	
T. Ominilaba - R. Adeo oire adeuá	
T. Eloire ladocmio - R. le elomario	
T. Eloire - R. Guem guem gué	
T. Aoró aoró oxum oro é com oxum deebá - R. Idem	
T. Amacorré - R. Aoró Aoró	
T. Iberema larum adeluile leleio - R. Amauá oxum lele iberema larum	
T. Ara barauco fanha bará baraoeléo - R. Idem	
T. Panda mirereum aganju mire babaxoré - R. Pandá mirere pandá mire babaxoré	
T. Iama bocum perere ama bocum perere - R. Achocho se ama bocum perere	
T. Oiale besaleo obomoré lele besaleo obomoré - R. Oxum de olaná lele besaleo obomoré	
T. Oxum pandá - R. loacheré oia	
T. Iela docó - R. loacheré oia	
T. Elocomalió - R. A adioxum	
T. Oquererébó - R. Idem	
T. Ofenila - R. Ofenite ebó	
T. Oiale carió lele carió - R. Ara de oxum carió carió	
G E I J O	
T. Fia fia odé sepatafia amaodé simam - R. Fia fia odé sepatafia amaodé simam fia fia odé	
T. Pandá suami - R. Pandá anareul	

IEMANJA

T. Iemanja seleolodô babacromiô leiao elitarêo babacromiô - R. Idem
 T. Iemanja pase que pasejo azelemania ssum orum so sebaiva axum depéo
 ababacromiô - R. Idem
 T. Elemloxum labaramiêo - R. E oio abêo écum amaraio écao abêio
 T. Adeo abêio R. E oio abêio
 T. Oromila oque é oque é oia aganju oxumlaque é oque é oia oia oelê oelê
 R. Idem
 T. A'orô oque é oque é oia aganju oxumlaque é oque é oia oia oelê oelê R.
 Idem
 T. Oquerê oasêsum-o - R. Oquere orixá
 T. Oquere iajebao - R. Oquere orixá
 T. Iemanja ogum olorilabastô omi forlao - R. Idem
 T. Iemanja ogum - R. Aorô
 T. Iemanja Bomi - R. Aorô
 T. Aoro orô - R. Aorô
 T. Iemanja tomi tomi tomiô - R. Atonirê emire emi
 T. Olaba odela babaelê Iemanja ogum la babaelê - R. Idem
 T. Iemanja elao - R. Iemanja que bata bata babaelê
 T. Queto nenê queto nenê Iemanja elao quebaodê - R. Idem
 T. Tototo olabeniqué olabeni olabeni olabeniqué - R. Idem
 T. Iemanja seleolodê - R. Idem
 T. Orocumailê orocumailô - R. Iemanja seleolodê
 T. Iemanja marilê - R. Iemanja seleolodê
 T. Iemanja marilê Iemanja marilô - R. Iemanja seleolodê
 T. Odocumailê odocumailô - R. Iemanja seleolodê
 T. Iemanja seleolodê - R. Idem
 T. Omofiro eredêo omofiro erdeô anacum beo omofiro erdeô anacum beo - R.
 Omo tiro eredêo
 T. Anacum beo - R. Omofiro eredêo

OEIJO

T. Anareua anareuseo - R. Idem
 T. IeIemanja anareuseo - R. Idem
 T. Etumaladidê tumaladidê nanabirocuma oconsula etumaladideo - R. Idem
 T. Nanabirocuma oconsula - R. Etumaladidê
 T. Onispô osairema - R. Ebô onispô osairema ebô
 T. Barâ cotim cotim cotim cotim barâ - R. Barâ cotim cotim cotim cotim barâ
 T. Barâ quebarâ quebarâ balo - R. Idem
 T. Ogum barâ quebarâ balo - R. Idem
 T. Emire emire emire emire equese nanabirocuma equese - R. Idem
 T. Emire emire equese - R. Nanabirocuma equese
 T. Amaquere quere eose - R. Anareua

ÀSE

YALODÊ

A Yalodê fala no conselho por todas as mulheres e acredita-se que assim foi "desde o princípio do mundo", quando Oxum foi convidada para acompanhar os orixás caçadores por todos os cantos da terra.

Vilson Caetano

<http://jeitobaiano.wordpress.com/2010/03/07/orixas-segundo-vilson-caetano/>



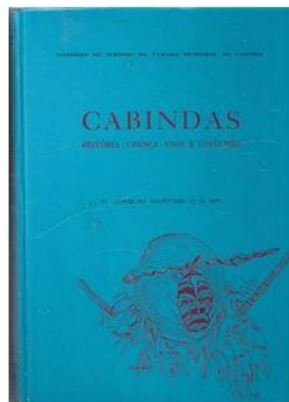
CABINDAS

HISTORIA - CRENÇAS - USOS E COSTUMES

P. JOAQUIM MARTINS, C. S. SP.

(Historiador Laureado de Cabinda)

CAPITULO II



A MISSIONAÇÃO EM TERRAS DE LOANGO, KAKONGO E N'GOYO

Frei Bernardino Húngaro, assim chamado por ser da Hungria, parece ter sido o primeiro missionário a tentar a evangelização das terras ao norte do Zaire, especialmente o Loango. (A. Prevost, op. cit., no Cap. I, Vol. VI, em nota da pág., 382 - Eduardo dos Santos, op. cit., pág. 96.)

Desembarcou no Sonho (ou Soio, Pinda) em 1645 com a primeira missão de capuchinhos. (a 25 de Maio) Rezam as crônicas que Bernardino Húngaro tratou no convento do Sonho um viajante português. Quando regressou ao Loango, onde tinha comércio, este português elogiou muito a Frei Bernardino Húngaro na corte daquele Reino.

O Rei de Loango enviou então dois de seus filhos para o Sonho para serem instruídos e educados por Frei Bernardino Húngaro.

Os filhos, de regresso ao Reino, fazem com que seu pai chame para lá a Frei Bernardino. Escreve o Rei de Loango ao Governador de Angola, certamente André Vidal de Negreiros (de 1660 a 1666) que, por sua vez, intercede junto do superior dos capuchinhos no Sonho (também Songo) e consegue o que o Rei de Loango pretende: a ida de Bernardino Húngaro. (A. Prevost, op. cit., Vol. VI, pág. 382.)

Em 1663 Frei Bernardino Húngaro está no Loango tendo, segundo outras narrações, passado por Malembo e Kakongo. (Eduardo dos Santos, op. cit., pág. 96.)

Foi muito activa a sua evangelização e parece que muito frutuosa pelo menos aparentemente. Em pouco tempo instruiu o Rei e a Rainha nas verdades da fé, e baptizou-os e casou-os. Baptizou ainda o filho mais velho do Rei (pode depreender-se ter ele já baptizado no Songo os outros dois filhos que para lá haviam ido) e mais umas trezentas pessoas ligadas à corte. No espaço de um ano (lê-se em Prévost) teria baptizado umas 12.000 almas.

Mas viveu pouco. O muito trabalho arrasou-o por completo. Adoece. O Irmão Leonardo, que havia sido chamado para o socorrer na doença, chegou para o ver expirar a 18 de Junho de 1664.

O Rei incumbe a este Irmão o ir pedir a seu superior outro sacerdote para continuar a obra do Padre Bernardino Húngaro.

Enquanto vai o Irmão ao Sonho, um Príncipe de sangue real, ajudado por Cristãos apóstatas, tira ao Rei a vida e a coroa.



Fig. C11 - A graciosa igreja Matriz de Cabinda 13-10-1957

O usurpador pouco viveu. «Nos princípios de 1665, um dos filhos conseguiu reunir partidários e destruir o chefe dos rebeldes que tinha tomado o Poder. Uma vez no trono, favoreceu a evangelização cristã no seu Reino». (Idem, pág. 97.)

Por falta de obreiros, o Reino acabou por voltar à idolatria.

Tomás de Sestola e André de Buti, capuchinhos, teriam passado por Cabinda em circunstâncias muito especiais, em 1673. Perseguidos e maltratados no Sonho, foram amarrados com os seus cordões de capuchinhos e arrastados de rosto em terra até às margens do Zaire. Recolhidos e levados por pescadores nativos, atravessando o Zaire, até Bomangoio, são recebidos por um negro humanitário que os faz seguir de tipoia para Cabinda. De Cabinda teriam tomado barco para a Europa. Não se vê mencionada qualquer actividade destes missionários em Cabinda. (A. Prevost, op. cit. Vol. VI, págs. 378/379.)

Que ligação pode existir entre o que fica dito e o que, em seu estudo sobre Lândana, escreve P. J. Troesch? «Em 1673 uns frades recoletos belgas vão de Luango a Pinda, (Santo António). Em Malembo encontram um convento (antigo, desabitado) dos capuchos.»

Bem curiosa a data, 1673, que coincide perfeitamente. Mas o mais (Malembo, convento de capuchos...)?

Por 1684/85 o capuchinho Jerónimo de Merolla de Sorrento adoece gravemente na Missão do Sonho, onde se encontra desde meados de 1683.

Recebe nessa altura um enviado do Rei de Kakongo, com uma carta deste, mostrando a disposição de abraçar a fé cristã. Segundo a narração de Merolla, o Rei de Kakongo estaria casado com uma irmã do Conde de Sonho, que lhe havia concedido com a condição de abraçar o cristianismo. Devido à doença, Merolla não pode, de momento, ir ao encontro dos desejos do Rei de Kakongo. Mas, desde já e enquanto não vai, pede duas coisas;

1. - Que ordene ao governador da ilha de Kairacaongo, no meio do Zaire, para que lá seja implantada uma cruz.
2. - Escolher em seus estados um terreno onde se possa levantar uma Igreja.

O Rei teria acedido.

Entretanto, um missionário chegado de Luanda, e cujo nome não se dá nas crônicas, sai com destino a Kakongo, já que Merolla continuava doente. Mas na capital de Ngoyo fica a saber da morte do Rei de

Kakongo, do que havia pedido para ser instruído na fé cristã. Desconhecendo as intenções do seu sucessor, regressa ao Sonho.

De passagem por Kairacaongo repara que, de facto, lá se encontrava uma cruz erguida. O governador contudo não quer receber a «nova religião» sem saber as intenções e vontade do novo Monarca.

Nos começos de 1687 chegam novos missionários ao Sonho e com eles medicamentos. Merolla recupera a saúde e, restabelecido, pensa logo em seguir para Kakongo. Prefere embarcar directamente para Cabinda, fugindo a ciladas, onde chega em fins de 1687.

Pouco se demora em Cabinda e Ngoyo uma vez que, por comunicação do Mafuka, deve seguir para a corte do Congo onde o Rei, que devia ser D. Álvaro IX, e sua mãe, D. Potenciana, muito têm a expôr-lhe e a perguntar-lhe sobre religião e não menos sobre a festa da coroação.

Parece que desde a batalha de Ambuila (29 de Outubro de 1665), em que D. António perdeu a vida, a cabeça, a coroa e o ceptro... Não mais teriam sido coroados os Reis do Congo.

A coroa e ceptro do Rei do Congo entrou nos despojos de guerra. Perdeu-se-lhes o rasto. Nem Luís Lobo da Silva, Governador de Angola de 1688 a 1691, sabia ao certo onde se poderia encontrar sobretudo a coroa. Esta, segundo as crónicas, era oferta da Santa Sé.

Uma Bula de Urbano VIII (papa de 1623 a 1644) permitia que o Rei do Congo se fizesse coroar por um missionário capuchinho e segundo o rito romano.

Merolla teria sido pressionado a seguir para o Congo para se tratar de conseguir a coroa, levada para Luanda depois da batalha de Ambuila, e de proceder depois à coroação.

De tudo isto se depreende que a passagem de Merolla por Cabinda e Ngoio foi bastante fugaz. Não parece ter deixado qualquer traço de valor e não consta, tão pouco, que haja ido a Kakongo.

Mas, nas suas narrações, Merolla conta que, alguns anos antes, o Rei de Ngoyo, tendo recebido o baptismo, havia ameaçado os feiticeiros de suplicio, caso não abandonassem essas práticas. Foi o Rei perseguido e teve de se refugiar noutra terra onde reinava um seu filho. Este, por medo, acabou por entregar o próprio pai, que morreu às mãos de um carrasco.

Isto aconteceu, como vimos já, a um Rei do Loango, por ter estabelecido o Cristianismo em seu Reino. Deve haver aqui confusão. Se encontra fácil prova para a perseguição feita ao Rei do Loango, convertido por Frei Bernardino Húngaro, é bem difícil comprovar-se o martírio de um Rei do Ngoyo.

Merolla deixou Cabinda e Ngoyo, a caminho da corte do Congo, a 7 de Março de 1688. (Idem, pág. 181 e seg.)

Em 1702 o capuchinho António Zucchelli tenta a evangelização em Kakongo e, depois, em Ngoio. Não encontrando apoio no Rei, antes contrariedades, regressa ao Sonho. (Eduardo dos Santos, op. cit., pág. 97.)

Em 1708 o Padre Colombano de Bolonha teria perguntado para Roma se poderia baptizar o Rei de Ngoyo, pretendente a uma filha do Conde de Soio, que eram cristãos, mas acrescentava que o Rei do Ngoyo se negava a deixar de vender escravos cristãos aos ingleses. Roma não concede a autorização para o baptismo.

Serve isto para provar, pelo menos, que já em 1708, havia cristãos no Reino de Ngoyo. Eram Bauoio ou seriam, como se encontram referências a isso, cristãos vindos do Soio (Sonho, Songo, Pinda) ?

De 1766, 10 de Setembro, a 30 de Dezembro de 1775 há três tentativas de missiona  o do Reino de Loango e depois do de Kakongo. (J. Cuvelier, «Documents sur une mission française ao Kakongo (1766-1776), Bruxelles, Institut Royal Colonial Belge, 1953.)

1.a Tentativa

A 10 de Setembro de 1766 chegam ao Loango os Padres Belgarde, Astelet de Clais e Sibire.

Em Março de 1767, morre o P. Astelet.

Em Março de 1768, doentes, deixam o Loango os Padres Belgarde e Sibire e tomam o caminho da América.

2.a Tentativa

Em Agosto de 1768, desembarcam em Cabinda os Padres Descourvi  res e Joli. A 25 de Setembro v  o para o Malembo e instalam-se, provisória mente, na aldeia de um preto cristão, aldeia de Musorango, - a umas três ou quatro léguas do Malembo.

Em 23 de Fevereiro de 1769, fixam-se em Kinguele (outros dizem Kiengele), capital do Kakongo.

Em Janeiro de 1770, o P. Descourvieres, doente, embarca para a Europa. O P. Joli, que ficou só, acaba por regressar também.

O P. Herbert, que a 14 de Abril de 1770 toma o caminho da Missão para vir fazer companhia e ajudar o P. Joli, não encontrando ninguém em Kakongo, volta à França.

3.a Tentativa

A 7 de Março de 1773, seis padres e seis leigos embarcam com destino a Kakongo. Entre eles vem o P. Belgarde que já em Setembro de 1766 tinha estado no Loango.

A 28 de Junho de 1773 descem na costa de Iomba, ao norte do Loango. Em Julho tomam o caminho de Kakongo. Em fins de Julho ou começo de Agosto já estão no porto do Malembo. Morre ali o Padre Racine, da diocese de Besençon, e um leigo.

A 18 de Setembro de 1773 vão fixar-se em Kilonga, perto da lagoa (da Kilunga) que fica junto ao actual Sasa-Nzau.

A vista que dali se disfruta, diz num relatório o P. Descourvières, é. agradabilíssima. O lugar é bem situado, numa pequena elevação, a uns três tiros de espingarda de Kilonga. Estão a trezentos ou quatrocentos passos de um lago que tem boa água e que lhes fornecerá excelentes peixes se tiverem pescador.

Encontraram cristãos Basolongo ao sul de Kakongo. Foram sempre muito bem recebidos.

Em Dezembro de 1774 chegam mais seis missionários, quatro padres e dois leigos.

Nesta terceira tentativa vieram, ao todo, dez padres e oito leigos. Foram adoecendo, foram morrendo e outros regressam à Europa para salvar a vida.

Em Kilonga morrem dois irmãos leigos: um, a 29 de Novembro e, o outro, a 7 de Dezembro de 1773, portanto quatro missionários desde Agosto (o P. Racine e um leigo que morrem no Malembó) a 7 de Dezembro do mesmo ano (em cinco meses).

Em Junho de 1775 restam em Kilonga 5 padres e um leigo. E todos vêm a cair doentes. Deixam então o Kakongo, de regresso à Europa, em 30 de Dezembro de 1775.

O P. Descourvières, já no fim de sua estadia em Kakongo, escreve: «Os Reis protegem-nos e especialmente o de Kakongo, no território do qual nos fixamos; os príncipes e ministros favorecem-nos e o povo nos estima.»

É com imensa pena e somente forçados pela doença, depois de se dedicarem com afinho à aprendizagem da língua nativa ao mesmo tempo que à evangelização, que deixam as terras de Kakongo após estas tentativas.

(Cf. «Documents sur Mission Française à Kakongo, 1766-1776», par Mgr Cuvelier)

Desde 30 de Dezembro de 1775 a 30 de Maio de 1870 (95 anos depois) não consta ter aparecido, salvo certamente os padres capelães da nossa armada e muito de corrida, qualquer missionário por estas paragens.

Infelizmente parece que nem vestígios se encontram da Missão francesa e nem se sabe, ao certo, onde foram sepultados os missionários falecidos na região ido Malembo e Kilonga.

Da que eu chamo primeira tentativa de missão - e não se me leve a mal e veja-se no que seque a razão desta denominação - pelos Padres da Congregação do Espírito Santo, começada em 14 de Março de 1866 com a chegada ao Ambriz dos Padres Espitalié e Poussot e do auxiliar Estêvão Billon, desses missionários nenhum venceu os rigores do clima.

Billon falece ainda no Ambriz a 25 de Setembro de 1866.

O P. Poussot, por doença, regressa à Europa e é substituído pelo P. Fulgêncio Lapeyre.

Em Luanda, para onde haviam seguido, a 28 de Março de 1869 falece o P. Espitalié e, a 18 de Janeiro de 1870, o P. Lapeyre.

A 7 de Dezembro de 1869 chegaram a Luanda os Padres Carrie e Dhyèvre. Assistem aos últimos dias e momentos do P. Lapeyre. A morte de seus confrades junto a uma série de contrariedades não são causas de grande animação, não. É certo que não foram poucas, e de toda a ordem, as dificuldades que tiveram de suportar os primeiros missionários do Espírito Santo. Mas temos de concordar também que lhes faltou, possivelmente, algum tacto, certo brio, prudência, coragem e humildade evangélicas para aquentarem essas dificuldades e sobretudo muitas incompreensões dos homens desse tempo.

Por outro lado, talvez tenham exorbitado um pouco. Deviam ter tomado somente conta dos territórios da Antiga Prefeitura do Congo - o que lhes fora entregue pela Sagrada Congregação da Propaganda da Fé pelo Decreto «Saeculo XV labente», de 6 de Setembro de 1865, com todos os deveres e direitos que tinham sido concedidos aos Capuchinhos pelo Papa Urbano VIII, em 1640, mas que deviam ser regidos pelas mesmas instruções da Propaganda da Fé, de 14 de Janeiro de 1726 (instruções que visavam, de um modo especial, salvar a jurisdição total do Bispo de Luanda, portanto dentro dos direitos do Padroado Português) - territórios esses que iam, no máximo, até ao Ambriz e não para sul dessa vila e, de forma alguma, até Luanda.

Mas há males que chegam a dar em bens.

Num navio à vela, pertença de um tal Senhor Laborde, os Padres Carrie e Dhyèvre deixaram Luanda a 18 de Maio de 1870 e chegaram a Lândana a 30 desse mesmo mês e ano. Estiveram na foz do Zaire e em Banana. Visitaram Cabinda, Malembo, Chinchoso, Ponta Negra e Loango.

Depois desta exploração de estudo para a fundação de uma futura Missão em terras de Kakongo - que erradamente, mas admitamos, por ora, de muito boa fé, julgam ser terras francesas - regressam à França passando pelo Gabão.

Em 12 de Novembro de 1871 o P. Carrie está novamente de volta a Lândana, depois de ter passado por Lisboa onde visitou os filhos do Barão Puna (havia estado com o Barão no ano anterior, em Cabinda), que frequentavam a Escola Académica.

Vai novamente a Banana, visita a Porta da Lenha, Boma e Pinda.

Manda um relatório à Casa Mãe, em Paris, que a todos satisfaz e em que indica Lândana como o melhor local para a fundação de uma Missão.

No Boletim da Congregação do Espírito Santo, com data de 25 de Julho de 1873, se insere a fundação da Missão de S. Tiago de Lândana, no próprio dia 25 de Julho de 1873, o P. Duparquet e o Irmão Fortunato sequeem para Liverpool onde tomam o barco que os levaria à nova Missão. Chegam à Ponta Negra a 8 de Setembro de 1873. O P. Carrie aí os esperava. A 15 de Setembro, sete dias depois, já encontramos o P. Duparquet numa exploração pelo rio Chiloango. Tinha vindo por terra da Ponta Negra para Lândana. Os terrenos da Missão de Lândana foram comprados a 19 de Setembro de 1873 ao Peça Matenda. "A 1 de Novembro de 1873 a casa comercial Pinto & Faro, Lândana, vende uma casa à Missão de Landana por 250 libras esterlinas, pagáveis em Lisboa a 1 de Fevereiro de 1874, ao Sr. Juhel, director de barcos franceses, Largo do Pelourinho, 19-1º Andar."

Foi pois com a fundação da Missão de Lândana - oficialmente a 25 de Julho de 1873 - que a Congregação

do Espírito Santo se Instalou definitivamente em Cabinda. Novo e crescente incremento é dado às Missões, em Cabinda. Durante uns bons 60 anos a evangelização de toda a Província salvaguardando o ministério de alguns padres seculares, esteve a cargo da Congregação do Espírito Santo.

No Estado de Cabinda fundaram-se as seguintes Missões:

LÂNDANA - 25 de Julho de 1873.

Boma - 1876

Nemlau - 1885

Luáli - 1890. Teve de ser fechada por causa da insalubridade da região e clima, que causou vitimas em pouco tempo.

Depois da Conferência de Berlim - 1885 - com a demarcação do Estado Independente do Congo, hoje República do Zaire, encerram-se as Missões de Boma e Nemlau, sucursais da de Lândana. No Estado Independente do Congo não queriam missões nem missionários que não fossem belgas.

O pessoal da Missão de Boma, bem como os materiais, vêm para a Missão de Cabinda. Chegam a bordo do «Souverain» em 5 de Outubro de 1891. Instalaram-se na pequena casa do antigo proprietário Manuel António da Silva-a quem haviam comprado os móveis, casa e terreno (uns 240 hectares por umas 200 libras), a 28 desse mesmo mês e ano,

A data oficial da Missão de Cabinda é a de 8 de Dezembro de 1891.

Lukula - Zenze, 16 de Janeiro de 1893.

Matembo - Belize, 13 de Junho de 1922.

As Irmãs de S. José de Cluny fundam também as Missões femininas de Lândana e Cabinda.

Em Lândana, a 1 de Fevereiro de 1883.

Em Cabinda, 27 de Janeiro de 1893.

Como compreender e interpretar certas atitudes do Padre Carrie, e também do P. Augouard, quanto a julgar-se em terras francesas e não pertença de Portugal?

Ao largarem de Luanda, a 18 de Maio de 1870, teria sido intenção do P. Carrie e do P. Dhyèvre deixarem terras de Portugal?

«O P. Dhyèvre e Carrie deixaram Luanda a 19 de Março de 1870 para Banana e Lândana, julgando eximir-se às autoridades portuguesas.»

E agora, fundando a Missão em Lândana, julgar-se-iam de boa fé em terras não portuguesas e antes francesas? Se assim pensaram bem se enganaram.



Fig. C 10 - A bela capela rural de Jomer S-12-1956 no Prato

Vimos que Ferreira do Amaral acusa dois traidores portugueses e os padres da Missão de Lândana, com o doutor Lucan, de ajudarem Cordier a tomar Loango e Ponta Negra.

Depois de tudo o que expusemos na primeira parte deste trabalho, não era difícil ver e reconhecer o direito que nos assistia sobre as terras do Loango, quanto mais sobre as do reino de Caçongo, de que Lândana fazia parte. Parece que o P. Carrie, dos padres da Missão, era o mais ferrenho e o mais... francês.

O Padre Alves Correia em «Civilizando angola e Congo» escreve: «Não há dúvida que o P. Carrie e P. Augouard se julgavam em campo de labores por Deus e pela França.» (P. J. Alves Correia, «Civilizando angola e Congo». A. Brásio, op. e vol. cit., pág. 247.)

Por isso se nota o seguinte:

- No contrato que a Missão de Lândana faz com o Chefe Matenda, eram francesas as testemunhas.

- Quando os portugueses, em 1883, tentam mostrar e provar os direitos que tinhamos sobre aquelas terras, o P. Carrie não aceitou a arbitragem do delegado português, que já devia ser João José Rodrigues Leitão Sobrinho.

Talvez por isso, depois do tratado de Chinfuma, de bordo da corveta «Rainha de Portugal» e com a data de 14 de Outubro de 1883, o comandante Guilherme Augusto de Brito Capelo comunica à Missão o facto nos termos seguintes: «Tendo sido negociado um tratado entre Portugal e os chefes indígenas pelo qual é solenemente reconhecida a Soberania e Protectorado de Portugal, sobre os povos que habitam os territórios que do «Malembó» se estendem até ao rio «Massabe», tratado este que foi firmado na grande reunião dos Príncipes e cavalheiros, que teve lugar no dia 29 de Setembro próximo passado, cumpro agora o dever, como Delegado do Governo Português, de enviar a V. Ex. cia a cópia autêntica do referido tratado,

a fim de que V. - Ex. cia dele tomando conhecimento, possa ficar ao facto das circunstâncias que do mesmo se derivam, e cujas vantagens tanto para os Europeus como para os indígenas, regulando as relações entre uns e outros, V. Ex. cia decerto avaliará, com a sua elevada inteligência e conhecimento prático do país e seus habitantes.» (J. C. J. Rooney, «As Missões do Congo e angola» in «Portugal em África», 1.ª Série, ano 1900, pág. 439.)

Já em 15 de Setembro de 1879, quatro anos antes, o Secretário Geral do Governo de angola havia visitado a Missão de Lândana, e o P. Carrie era Sub-Prefeito Apostólico desde 1876, honra, afirmam, que encheu de satisfação os missionários.

O P. Rooney, ao falar desses tempos da fundação da Missão de Lândana, frisa bem a presença da bandeira das quinas «prova irrecusável do poder que Portugal lá exercia em séculos passados e das simpatias de que gozava». Lembra que os discursos eram reproduzidos pelos intérpretes em português «por ser este o idioma das relações judiciais.»



Fig. C9 - Igreja da Missão Católica de Lândana, benzida a 14-8-1904

«Por toda a parte, continua o P. Rooney, encontravam os nossos padres profundos vestígios da civilização portuguesa: vestígios que se deparam em toda a costa d'África, e nas grandes estradas de comunicação através do continente negro.»

Que mais seria preciso dizer sobre a nossa presença e direitos sobre Lândana e os mais territórios ao norte do Zaire perante estas afirmações de um padre estrangeiro? Como interpretar pois as atitudes do P. Carrie coadjuvadas pelo P. Augouard?

Mas as resoluções tomadas pelas populações da Massabi, Lândana e depois Cabinda e a resolução da Conferência de Berlim veio pôr fim a todas as intenções e pretensões.

«Em 1885, escreve o P. Alves Correia, caía sobre os missionários do Loango o duce frio do tratado de Berlim: Lândana era portuguesa, porque encravava no País de Cabinda. Doravante deviam ter sentido o P. Carrie e os seus colegas que não eram os missionários desejáveis naquelas partes: que os deveriam substituir colegas de todo novos e sem ligações com a Missão do Loango, que continuava francesa.» (P. Alves Correia, op. cit.)

Mas mais, muito mais interessante e até muito mais convincente para quem desejar, leal e honestamente, ver e sentir até que ponto a presença de Portugal se impunha e marcava naquelas terras, mesmo do Loango, e como uma das provas mais irrefutáveis, basta o seguinte:

1 - A tipografia da Missão do Loango (tipografia que de Lândana foi levada para lá pelo P. Carrie) editou, em 1890, a «Grammaire de La Langue Fiole-Dialecte du Kakongo» sendo seu autor Mons. Carrie.

2 - Em 1902, a mesma tipografia do Loango imprimiu «Le Dictionnaire Vili Français» do P. Marichelle, C. S. Sp.

3 - Em 1907, na mesma tipografia, o P. Marichelle manda imprimir «Methode Pratique pour l'étude du Dialecte Vili»

4 - Em 1919, ainda na tipografia do Loango, é impresso o «Livret Congolais-Vocabulaire et Premiers Exercices Vili-Français»

5 - Em 1929, os PP. de Scheut em Turnhout (Belgique) imprimem «Premiers Elements de Français - Malong Mat'ete Ma Kifaranse» da autoria do Fr. Mertens.

Ora, estes dialectos Fiote, Vili, Kikongo, Kioio, etc. etc., são irmãos e com não mui grandes diferenças entre si. Falam-se no País de Cabinda, no Congo Brazaville e na República do Zaire.

O curioso está em se encontrar em todos esses dialectos muitas dezenas, mesmo muitas centenas, de palavras de origem portuguesa, hoje ainda existentes e correntes mesmo nos povos que adoptaram oficialmente a língua francesa.

E o fenómeno - bem comprovativo da nossa presença e influência de séculos - já se apresentava no tempo de Mons. Carrie.

Basta folhear a gramática dele de 1890...

Como se pode compreender (sobretudo em pessoas que se dedicaram à língua desses povos, sendo uma delas o P. Carrie a quem Guilherme Capelo pôde escrever «COM a sua elevada inteligência e conhecimento prático do país e seus habitantes») a existência e assimilação dessas palavras sem a presença longa e constante do povo - no caso o POVO PORTUGUÊS - que consegue introduzir e fazer adoptar termos e formas da sua língua? Esta é, sem dúvida alguma, uma das provas mais irrefutáveis a favor da nossa presença nos reinos de Loango, Cacongo e Ngoio. Mas o melhor é passar a dar alguns

exemplos desses termos para que se não fique na simples afirmação. São só alguns. Mas podem encontrar-se nos livros que citamos muitíssimos mais. Para já, vamos a algumas palavras apanhadas, aqui e ali, na «Grammaire de La langue Fiole-Dialecte du Kakongo» de Mons. Carrie. Desejamos fazer notar que não existe o «r» nestes dialectos. É sempre, ou quase sempre, substituído por «l».

Forgeron	Nfelela	- Ferreiro
Cuiziniér	Kuzinhelo	- Cozinheiro
Charpantier	Mesta	- Mestre
Anglais	Ngeleza	- Inglês
Bourse	Nsaku	- Saco
Orange	Lalangi	- Laranja
Epingle	Fineta	- Alfinete
Ciseaux	Tuziola	- Tesoura
Gilet	Nkuleta	- Colete
Pantalon	Kalsa	- Calça
Pantoufle	Sinela	- Chinela (o)
Bottes.....	Sapatu	- Sapato
Allumettes	Fófolo	- Fósforo
Montres	Lolanza	- Relógio

Banc	Banku	- Banco
Chambre	Kuartu	- Quarto
Cheval	Kavalu	- Cavalo
Plume	Pena	- Pena
Docteur	Dotolo	- Doutor
Aider	Zudia	- Ajudar
Lundi	Kikunda-felu	- Segunda-feira
Dimanche.....	Lumingo	- Domingo
Ouvrier	Moso	- Moço
Assiette	Ntalvesa	- Travessa
Plat long	Ntalvesa	- Travessa
Fiebre	Febla	- Febre
Pierre	Petelo	- Pedro
Paul	Paulo	- Paulo
Marie	Maria	- Maria
Allemand	Lumanha	- Alemanha
France	Nfalansa	- França

Não é difícil notar perfeitamente de que língua os naturais adoptaram o termo. Mais alguns exemplos, mas dos mais chocantes, colhidos nos livros dos outros autores P. Marichelle, Fr. Mertens - para que nos não fiquem dúvidas.

Soie	Seda	- Seda
Table	Meza	- Mesa
Saint	Santu	- Santo
Samedi	Sábala	- Sábado
Riz	Loso	- Arroz
Rose	Losa	- Rosa
Beurre	Manteka	- Manteiga
Potage	Supa	- Sopa
Plomb	Kiumbu	- Chumbo
Papier	Papele	- Papel
Mesure	Ndida	- Medida
Tire-bouchon	Sakaloia	- Saca-rolhas
Païen	Pakanu	- Pagão
Oignon	Sabola	- Cebola

Pain	Límpá	- Pão
Messe	Misa	- Missa
Metre	Metolo	- Metro
Mouchoir	Lilesó	- Lenço
Impermiable	Kapa	- Capa
Fil	Linia	- Linha
Fenetre	Nela	- Janela
Drap	Lilasola	- Lençol
Argent	Palata	- Prata
Soulier	Sapatu	- Sapato
Tailleur	Faieta	- Alfaiate
Tasse	Kopo	- Copo
Vin	Vinio	- Vinho
Voiture	Kalu	- Carro
Hamac	Kípoio	- Tipoia
Image	Fikula	- Figura
Jesus Christ	Iezu Klistu	- Jesus Cristo
Eve	Eva	- Eva
Chou	Kove	- Couve

Clef	Nsabi	- Chave
Ceci	Aki	- Aqui
Chapitre	Capítulo	- Capítulo
Bapteme	Batismo	- Batismo
Crayon	Lapi nti	- Lápis (lápis de pau)
Saint Esprit	Espírito Santo	- Espírito Santo
Numéro	Numelo	- Númereo
Pagaie	Lilemo	- Remo
Purgatif	Pulugante	- Purgante
Europe	Putu. diminutivo de	- Portugal
etc., etc., etc.		

Até a Europa, toda a Europa, só tinha valor para esta gente na medida em que a ligava a Portugal -PUTU- e os brancos de outras nações na medida em que se uniam aos portugueses!

E não era raro ouvir-lhes dizer: «Vem ali um branco, um ngeleza e um nfalansa.» E, para eles, o branco era o português. (Mesmo que muito custe e vá contra a opinião de de J. Van Wing S. J. (Études Bakongo) que é mais do que verrinoso contra os portugueses "Cf. o. c., pág. 81").

Portanto, como é possível a alguém que faz uma gramática, que sabe a língua de um povo o nessa língua tropeça constantemente com palavras traduzidas de outra língua, como é possível negar a influência, dominação e posse do povo que tal ascendente teve e tem?

Dada a posição tomada, depois do tratado de Berlim o P. Carrie deixa Lândana. Mas não o faz, louvores lhe sejam dados, sem que fique tudo bem organizado. O P. Carrie havia sido tão bom missionário como... bom francês!

Em 1886 toma o caminho da França donde regressa sagrado Vigário Apostólico do Loango.

O julgar-se em território francês (?), foi, pelo menos, um "feliz engano" Devido a ele a Congregação do Espírito Santo fixou-se então realmente em terras de África.

E a data de 25 de Julho de 1973 (Centenário da Missão de Lândana) exige comemoração condigna.

AS SEITAS RELIGIOSAS EM ANGOLA

Mateus de Lemos Rodrigues

cabessaboss@hotmail.com

2009

APRESENTAÇÃO

O autor do trabalho chama-se Mateus de Lemos Rodrigues e é finalista do curso de Sociologia, Pela Universidade Agostinho Neto, Pólo Universitário da Policia Nacional é oficial de Polícia colocado no Comando Provincial de Luanda onde exerce a função de Chefe da Central 113.

AGRADECIMENTOS

Agradeço antes de mais a Deus, e aos meus pais que tornaram possíveis a minha vida, a toda minha família e em particular a minha esposa Ana Leila Borba Barros Rodrigues, que suportou a minha ausência durante as noites perdidas, dedicadas a feitura deste trabalho, a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para que este desiderato fosse atingido.

Ao Excelentíssimo Professor Doutor Bernardes Miranda que nos conduziu com toda a sua sabedoria durante os cinco anos de licenciatura um especial Muito Obrigado!

DEDICATORIA

Dedico este trabalho a cada um dos meus colegas e companheiros de luta, a minha família e a todos os meus Professores e em especial ao Professor Doutor Bernardes de Miranda, pelos cinco anos de convivência e por termos todos juntos conseguido alcançar o desiderato da licenciatura.

Resumo

Este trabalho intitulado "**As Seitas Religiosas em Angola**", tem por objetivo fazer uma abordagem mais ou menos profunda sobre alguns aspectos gerais sobre a religião, começando por dizer o que é, e o que não é religião, abordamos as variedades de religião, a luz das ideias dos pais fundadores da Sociologia e outros autores. No que toca diretamente ao tema Seitas Religiosas, procuramos abordar com alguma profundidade o assunto, fazendo recurso a considerações filosóficas, etimologia, o surgimento de algumas seitas, assim como, a religião no dealbar do terceiro milénio com realce para o caso Angolano, abordando com certa profundidade o assunto com recurso a análise e interpretação dos dados bibliográficos colhidos durante a investigação, e apresentando dados atuais de Angola e por fim apresentamos inclusive algumas críticas sobre a fraca intervenção do estado angolano no que toca a proteção dos seus cidadãos contra impostores.

I – Introdução

Ao longo de milhares de anos a religião tem tido um importante papel na vida dos seres humanos. Sob uma forma ou outra, a religião existe em todas as sociedades humanas conhecidas. As sociedades mais antigas, de que apenas temos conhecimento através dos vestígios arqueológicos, mostram traços claros de símbolos e cerimônias religiosas. Ao longo da história subsequente, a religião continuou a ser um elemento central da experiência humana, influenciando o modo como vemos e reagimos ao meio que nos rodeia. (Giddens 2007)

Contudo, a atitude religiosa e o pensamento moderno racionalista coexistem num estado incômodo de tensão. Com o aprofundar da modernidade, uma perspectiva racionalista conquistou muitos aspectos da nossa existência e parece pouco provável que a sua força venha a enfraquecer num futuro previsível (...) por vezes a religião e a ciência parecem contradizer-se. Os debates sobre as perspectivas evolucionistas sobre a criação da história, por exemplo, revelam duas maneiras diferentes de compreender as origens do homem. Noutros momentos, contudo, a religião e a ciência podem misturar-se sob as formas estranhas e interessantes. (Ibdem)

A variedade de crenças religiosas e de organizações religiosas é tão grande, que os estudiosos têm tido sérias dificuldades em chegar a uma definição de religião genericamente aceite. No ocidente, a maioria das pessoas identifica a religião com o Cristianismo – uma fé num ser supremo, que nos obriga a um comportamento de índole moral na terra, e nos promete uma vida além da morte. No entanto, não podemos definir nestes termos religião como fenómeno global. Estas crenças e muitos outros aspectos do cristianismo estão ausentes da grande maioria das religiões do mundo. (Ibdem)

Neste espírito, procedemos a um estudo que congregasse aspectos gerais da religião buscando os ensinamentos dos pais fundadores da Sociologia, assim como a consulta e interpretação de dados bibliográficos, no que toca a questões internas, recorreremos a alguns dos mais conceituados especialistas locais na área do saber sobre a qual se cingiu a nossa pesquisa, tendo em alguns casos abordado com certa profundidade aspectos como os ki-mbandas e os problemas causados pelas seitas assim como possíveis soluções para o problema.

II – Breve abordagem sobre a religião

Para que possamos antes mesmo de entrar naquilo que é objeto do nosso estudo (seitas religiosas), precisamos inserir-nos no conceito global de religião, para tal, precisamos começar por saber o que é, e o que não é religião, e só então enquadrar-nos no conceito e abordar a sua problemática.

2.1 – O que não é Religião

Segundo Anthony Giddens⁶, para ultrapassarmos as ciladas do pensamento culturalmente enviesado quanto a religião, será provavelmente preferível começarmos por dizer o que a religião em termos gerais, não é. Em primeiro lugar ainda segundo o autor, a religião não devia ser identificada com monoteísmo (a crença em um só Deus). Na maioria das religiões proliferam diversas divindades. Mesmo em algumas versões do Cristianismo, existem várias figuras com qualidades sagradas: Deus, Jesus, Maria, o espírito santo, anjos e santos. Em algumas religiões não existem quaisquer deuses.

Em segundo lugar, a religião não deveria ser identificada com preceitos morais que controlam o pensamento dos crentes – como os dez mandamentos que Moisés terá supostamente recebido de Deus. A ideia de que os deuses estão interessados no nosso comportamento terreno não existe em muitas religiões. Na Grécia antiga, por exemplo, os deuses eram bastante indiferentes às atividades dos homens.

Em terceiro, religião não está necessariamente preocupada em explicar como o mundo se tornou no que é. No Cristianismo, o mito de Adão e Eva propõe-se explicar a origem da existência humana e muitas religiões têm mitos deste tipo, embora haja muitas outras em que isto não acontece.

⁶ GIDDENS, Anthony; "SOCIOLOGIA"; 5ª Edição; Fundação Calouste Gulbekian; Lisboa 2007; p 536.

Em quarto, a religião não pode ser identificada com o sobrenatural, vista como envolvendo intrinsecamente a crença num universo “para além do reino dos sentidos”. O Confucionismo, por exemplo, prende-se com a aceitação da harmonia natural do mundo e não com a procura de verdades que estão para além dele.

2.2. – O que é a Religião

Para o já referido autor, as características que todas as religiões parecem, de facto, partilhar são as seguintes. As religiões implicam um conjunto de símbolos que invocam sentimentos de reverência ou temor, ligados a rituais ou cerimónias (como os serviços religiosos) realizados por uma comunidade de crentes. Cada um desses elementos deve ser alvo de explicação. Quer as crenças numa religião envolva deuses, ou não, existem sempre seres ou objetos que inspiram atitudes de temor ou de admiração. Em algumas religiões, por exemplo, as pessoas acreditam e veneram uma força divina, em vez de acreditarem deuses personalizados. Noutras religiões existem figuras que não são deuses, mas em relação as quais sentimos uma certa reverência – como Buda ou Confúcio.

Diz ainda o autor que os rituais associados a religião são muito diversos. Os atos rituais podem incluir orações, cânticos, canções, comer certo tipo de comida – ou abster-se de o fazer – jejuar em certos dias e por aí a diante. Em virtude de os atos rituais serem orientados para símbolos religiosos, são muitas vezes vistos distintos hábitos e procedimentos da vida comum. Acender uma vela para honrar ou aplicar um Deus é algo completamente diferente, no seu significado, do que fazer o mesmo para fornecer luz. Os rituais

religiosos são, muitas vezes, levados a cabo individualmente, mas todas as religiões envolvem também cerimônias realizadas pela coletividade de crentes. As cerimônias habituais têm lugar normalmente em lugares especiais – igrejas, templos ou santuários.

A existência de cerimoniais coletivos é para o autor vista usualmente vista pelos sociólogos como um dos fatores que distingue a religião da magia⁷, embora as fronteiras de uma e outra sejam de modo algum nítidas. As pessoas recorrem com frequência a magia em situações de desgraça ou perigo. Assim o estudo clássico de Bronislaw Malinowski dos habitantes das ilhas Trobriand, no pacífico, descreve vários ritos mágicos efetuados antes de uma viagem perigosa de canoa (Malinowski, 1982 APPUD Giddens). Segundo o mesmo, os ilhéus só não recorrem a esses rituais quando apenas vão pescar nas águas plácidas e seguras da lagoa local.

Apesar de as praticas magicas terem praticamente desaparecido nas sociedades modernas, em situações de perigo, as superstições de índole magica são ainda muito comuns. Muitos dos que trabalham em profissões perigosas ou onde os fatores de risco podem afetar drasticamente a sua execução – tal como mineiros, pescadores de alto mar ou desportistas - , recorrem a pequenos rituais supersticiosos, ou usam amuletos especiais em momentos de maior tensão. Como exemplo podemos citar o caso do jogador de

⁷ Para o autor, Magia consiste em influenciar o curso dos acontecimentos através do uso de poções, cânticos ou praticas rituais. É genericamente praticada por indivíduos e não por uma serie de crentes.

tênis que insiste em utilizar o anel especial em jogos mais importantes. As crenças astrológicas herdadas das sociedades pré-modernas Aida têm adeptos, embora a maioria provavelmente não as leve muito a sério.

2.3 – Variedades de religião

Segundo Antony Giddens, nas sociedades tradicionais a religião desempenha normalmente um papel central na vida social. Os símbolos religiosos e os rituais estão muitas vezes interligados na cultura material e artística da sociedade - na música, na pintura ou na escultura, dança, na arte de contar história e na literatura. Nas culturas pequenas, não existe propriamente um clero profissionalizado, mas há sempre certos indivíduos que especializam no conhecimento das práticas religiosas (muitas vezes, mágicas). Embora haja vários tipos desses especialistas, um dos mais comuns é o Xamã⁸. Por vezes, os Xamãs, são no fundo, mais mágicos do que chefes religiosos. São consultados frequentemente por indivíduos descontentes com o que lhes é oferecido pelos rituais religiosos da comunidade.

⁸ Palavra que encontra as suas origens nos índios americanos. Um Xamã, é um indivíduo que se acredita ser capaz de contactar com os espíritos, ou com forças não naturais através de certos rituais

2.3.1 – Totemismo e animismo

Giddens diz que nas culturas pequenas são recorrentes duas formas de religião: o totemismo e o animismo. A palavra “totem”, originária das tribos índias norte-americanas, tem sido amplamente utilizada para assinalar espécies animais ou plantas que se acredita terem poder sobrenaturais. Normalmente, cada grupo de parentesco ou sociedade tem o seu totem particular, ao qual estão associados vários rituais. As crenças totêmicas podem parecer estranhas as pessoas que vivem nas sociedades industrializadas. No entanto, certos contextos relativamente menores, símbolos semelhantes aos do totemismo são-nos familiares, quando, por exemplo, uma equipa desportiva tem um animal ou planta como emblema. As mascotes são totens.

O Animismo é uma crença em espíritos ou fantasmas, que se pensa viverem no mesmo mundo que os seres humanos. Tais espíritos podem ser vistos como benignos ou malignos e podem influenciar o comportamento humano em numerosos aspectos. Em algumas culturas por exemplo acredita-se que os espíritos causam a doença ou a loucura e que também podem possuir um indivíduo de modos a controlar o seu comportamento. As crenças animistas não estão confinadas as pequenas culturas, mas, encontram-se em certa medida em muitos sistemas religiosos. Na Europa medieval, aqueles que se acreditava estarem possuídos por espíritos demoníacos eram perseguidos frequentemente como feiticeiros ou bruxos.

Sociedades pequenas e aparentemente simples têm frequentemente sistemas complexos das crenças religiosas. O totemismo e o animismo são mais comuns entre estas sociedades do que nas maiores, mais algumas sociedades pequenas têm religiões muito complexas. Os Nusser no Sul do Sudão, por exemplo, descritos por E. E. Evans-Pichard, possuem um conjunto elaborado de ideias teológicas centradas num "Deus Supremo" ou "espírito do seu" (Evans Pichard 1956 APPUD Giddens). As religiões que tendem para o monoteísmo, contudo, são relativamente pouco frequentes entre as pequenas culturas tradicionais. A maioria destas são **politeístas**, ou seja, crêem em muitos deuses.

2.3.2 – Judaísmo, Cristianismo e Islamismo

As três religiões monoteístas mais influentes na história do mundo são: O Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo. Todas tiveram a sua origem no próximo oriente e influenciaram-se mutuamente. (Giddens 2007).

O Judaísmo é a mais antiga das três religiões, datando de cerca de 1000 a. C. Os primeiros Hebreus eram nômadas, vivendo no Egito antigo e zonas circundantes. Os seus **profetas** ou líderes religiosos, inspiraram-se parcialmente em crenças em crenças religiosas existentes na região, mas diferenciavam-se pela sua adoração de um Deus único e todo-poderoso. A maioria dos povos vizinhos era politeísta. Os Hebreus acreditavam que Deus exige obediência a códigos morais estritos e reivindicavam o monopólio da verdade vendo as suas crenças como única religião verdadeira (Zeitlin 1984:88 APPUD Giddens).

Ate a criação de Israel, não muito depois do final da II guerra mundial, não existia estado algum onde o Judaísmo fosse a religião oficial. As comunidades Judaicas sobreviveram na Europa, no norte da África e na ÁSIA, embora tenham sido frequentemente perseguidas, culminando no assassinato pelos Nazi de milhões de Judeus nos campos de concentração durante a guerra.

2.3.3 - Cristianismo

Muitos pontos de vista Judaicos, foram adoptados e incorporados pelo cristianismo. Jesus era um. Judeu Ortodoxo, e o Cristianismo começou como uma facção do Judaísmo; não se sabe ao certo se Jesus desejava fundar uma religião distinta. Os seus discípulos começaram a vê-lo como messias⁹ – esperado pelos judeus. Paulo, um cidadão romano de língua grega foi um grande iniciador da expansão do cristianismo, pregando extensivamente na Ásia menor e na Grécia. Embora os cristãos tenham sido, inicialmente barbaramente perseguidos, o Imperador Constantino acabou por adoptar o Cristianismo com religião oficial do império Romano. O Cristianismo tornou-se uma força dominante na cultura ocidental durante os dois milénios seguintes. (Giddens 2007)

⁹ Uma palavra Hebraica que significa "O ungido" e cujo equivalente Grego era "Cristo".

O Cristianismo tem atualmente maior número de seguidores e encontra-se mais difundido em todo o mundo do que qualquer outra religião. Mais de mil milhões de indivíduos reconhecem-se como Cristãos, mas existem muita divisões de ordem teológica e na organização das Igrejas, as principais das quais são a Igreja Católica, Protestante e as Ortodoxas. (Ibdem)

2.3.4 - Islamismo

Para Giddens as origens do Islamismo, hoje em dia a segunda maior religião do mundo (ver quadro) têm pontos em comum com as do Cristianismo. O Islamismo deriva dos ensinamentos do profeta Mohamed no século VII da era cristã. Segundo o Islamismo, o seu único Deus, Alá, domina toda a vida humana e natural. Os pilares do Islão são os cinco deveres religiosos essenciais dos muçulmanos (assim se chamam os crentes islâmicos). O Primeiro é a recitação do credo islâmico "só Alá é Deus e Mohamed o seu profeta".

O segundo é rezar as orações formais cinco vezes ao dia, fazendo-as proceder por uma lavagem cerimonial. Nestas orações por mais longe que se encontre, o crente deve rezar sempre virado para cidade santa de Meca, na Arábia Saudita.

O terceiro pilar consiste na observância do Ramadão, um mês de jejum durante o qual não se pode ingerir comida ou bebida durante o dia.

A ddiva de esmolos (dinheiro aos pobres) estabelecida na lei islâmica que tem sido usada frequentemente como fonte de imposto pelo estado.

Finalmente espera-se que cada crente tente fazer pelo menos uma peregrinação a Meca.

Os Muçulmanos acreditam que Alá falou através dos primeiros profetas – Incluindo Moisés e Jesus – antes de Mohamed, cujos ensinamento exprimem mais diretamente a sua vontade. O Islamismo expandiu-se muito, tendo qualquer coisa como mil milhões de aderentes em todo o mundo. A maioria esta concentrada no norte e no leste da África, no Oriente e no Paquistão.

2.4 - Teorias da religião

Giddens diz que as abordagens sociológicas da religião Aida são fortemente influenciadas pelas ideias dos três teóricos clássicos da Sociologia: Marx, Durkheim e Weber. Nenhum era crente e todos achavam que a importância nos tempos modernos. Todos acreditavam que a religião era num sentido fundamental, uma ilusão. Os defensores das diferentes doutrinas podem estar inteiramente convencidos da validade das crenças que defendem e dos rituais em que participam, contudo, estes três pensadores sustentam que a

grande diversidade de religiões e suas ligações óbvias a diferentes tipos de sociedade fazem com que essas convicções não sejam plausíveis¹⁰.

Karl Marx, apesar da sua influência nesta matéria, nunca estudou a religião ao pormenor. A maior parte das suas ideias derivam dos escritos de vários autores, teólogos e filósofos do começo do século XIX. Um deles, Ludwig Feuerbach, que escreveu um famoso trabalho intitulado "A essência do Cristianismo" (Feuerbach, 1957 publicado pela primeira vez em 1841). De acordo com este autor, a religião consiste em ideias e valores produzidos pelos seres humanos no decurso do seu desenvolvimento cultural, mas projetados erroneamente em forças divinas ou deuses. Como os seres humanos não percebem inteiramente a sua própria história, tendem a atribuir valores e normas criadas socialmente à ação dos deuses. Deste modo, a história dos dez mandamentos dados a Moisés por Deus é uma versão mítica das origens dos preceitos morais que norteiam a vida dos crentes judeus e cristãos¹¹. (Giddens, 2007)

¹⁰ Um indivíduo nascido na sociedade australiana de caçadores e recoletores tem forçosamente que ter crenças religiosas completamente diferentes das de alguém nascido na sociedade de castas da Índia ou na Europa medieval dominada pela Igreja Católica.

¹¹ Feuerbach defendeu que, enquanto não entendermos a natureza dos símbolos religiosos que criamos, estaremos condenados a ser prisioneiros da história que não conseguimos controlar. O autor usou o termo *alienação* para se referir à criação de deuses ou forças divinas distintas dos seres humanos. Os valores e ideais criados pelos seres humanos acabaram por ser vistos como produtos de seres alheios ou distintos – forças religiosas e deuses.

Ao contrário de Marx, **Emile Durkheim** passou grande parte da sua vida intelectual a estudar a religião, especialmente as religiões em sociedades pequenas, tradicionais. O trabalho de Durkheim, *As formas elementares da vida religiosa*, publicado pela primeira vez em 1912, é talvez o estudo mais influente da Sociologia da Religião. (Durkheim, 1976 appud Giddens 2007). O autor, não relaciona a religião, em primeiro lugar, com as desigualdades sociais ou o poder, mas com a natureza geral das instituições gerais de uma sociedade. Baseia o seu trabalho no estudo sobre o totemismo, tal como este é praticado pelas sociedades aborígenes australianas, e argumenta que o totemismo representa a religião na sua forma mais elementar ou simples – daí o título do seu livro. Define a religião em termos de distinção entre o sagrado e o profano¹². De acordo com Durkheim, o totem é sagrado porque é o símbolo central do grupo e representa os seus valores centrais, cujo respeito e reverência provêm do respeito que as pessoas depositam nos seus valores, sendo que o objeto de valor é a própria sociedade. Realça fortemente o facto de as religiões implicarem sempre cerimónia e rituais regulares que reúnem grupos de crentes e não apenas uma questão de fé, sendo que, para si, os rituais e as cerimónias são essenciais para manter a coesão do grupo¹³.

¹² Objectos sagrados e símbolos, sustenta, são tratados como separados dos objectos de rotina da existência – o domínio profano. Excepto em cerimónias especiais, é normalmente proibido comer animal ou planta totem. Acreditava-se que o totem como objecto sagrado, tinha propriedades divinas que o separavam de completamente de outros animais ou plantas que podiam ser consumidos pelo grupo.

¹³ Durkheim acreditava que entre outras coisas, a influência da religião diminuiria nas sociedades modernas e que a religião será ai gradualmente substituída pelo pensamento científico, e que cada vez mais, as explicações religiosas e as actividades cerimoniais e rituais passam a ocupar só uma pequena parte das vidas dos indivíduos.

Durkheim, tal como Marx pensa que as religiões que envolvem forças divinas estão prestes a desaparecer, no entanto, afirma que, num certo sentido, a religião, sob uma forma alterada, irá provavelmente continuar.

Diferentemente de Durkheim, que com base no seu estudo sobre o totemismo, cujas ideias acreditavam poderem aplicar-se a religião em geral, Weber efectuou um estudo exaustivo sobre as religiões de todo o mundo¹⁴. A maior parte da sua atenção concentrou-se no que chamou *religiões mundiais* – aquelas que atraíram um grande número de crentes e afetaram decisivamente o curso global da história. Estudou pormenorizadamente o Hinduísmo, o Budismo, Taoismo e o judaísmo antigo (Weber, 1951, 1952, 1958, 1963) e na *Ética protestante e o Espírito do capitalismo* (1976; publicado pela primeira vez em 1904-5) e noutros escritos debateu longamente o impacto do cristianismo na história do ocidente, contudo não completou o seu projeto sobre o islamismo.

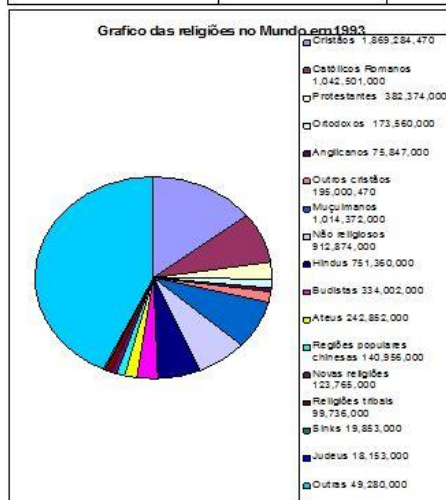
¹⁴ Nenhum académico antes ou depois dele efectuou um trabalho de tal alcance.

Quadro 1 População Religiosa do Mundo, 1993¹⁵

Religião	Numero	Porcentagem no total
Cristãos	1,869,284,470	33,5%
Católicos Romanos	1,042,501,000	18,7%
Protestantes	382,374,000	6,9%
Ortodoxos	173,560,000	3,1%
Anglicanos	75,847,000	1,4%
Outros cristãos	195,000,470	3,5%
Muçulmanos	1,014,372,000	18,2%
Não religiosos	912,874,000	16,4%
Hindus	751,360,000	13,5%
Budistas	334,002,000	6,0%
Ateus	242,852,000	4,3%
Regiões populares chinesas	140,956,000	2,5%
Novas religiões	123,765,000	2,2%

¹⁵ GIDDENS, Antony; "SOCIOLOGIA"; 5ª Edição; Fundação Calouste Gulbekian; Lisboa 2007; p 539, (fonte: Statistical of the United States, 1994, p. 855)

Religiões tribais	99,736,000	1,8%
Sinks	19,853,000	0,4%
Judeus	18,153,000	0,3%
Outras	49,280,000	1,0



III – Conceitualização do tema

3.1 - Seita¹⁶ (< latim *secta* = "seguidor", proveniente de *sequi* = "seguir") é um conceito utilizado para designar, em princípio, simplesmente qualquer doutrina, ideologia ou sistema que divirja da correspondente doutrina ou sistema dominante (ou mais de um, quando for o caso), bem como também para designar o próprio conjunto de pessoas (o grupo organizado ou movimento aderente a tal doutrina, ideologia ou sistema), os quais, conquanto divergentes da opinião geral, apresentam significância social.

Usualmente conecta-se o termo à sua significação específica (*stricto sensu*) apenas religiosa, com o que por "seita" entende-se, *a priori* e de ordinário, imediatamente "seita religiosa". Porém, tal nexos causal não é imperativo, pois nem sempre uma seita está no domínio religioso.

3.2 - Considerações filosóficas

• Seja qual for a sua inserção semiológica, imprescindível é saber que **seita**, como ideologia ou como grupo que a professa, está colocada em desfavor no jogo do poder, face ao (s) detentor (es) da dominação. Isso vale em religião, política, ou outra qualquer expressão humana.

¹⁶ Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

- **Seita** é conceito sempre relativo em termos circunstanciais de espaço-tempo e de grau de abrangência cultural e/ou populacional.
- Além disso, é conceito dinâmico, pois o que é **seita** num dado lugar, num dado momento histórico e para dada abrangência cultural e/ou populacional, *pode vir a ser a ideologia dominante numa outra circunstância (espaço-tempo, cultura etc. diferentes, subsequentes)*.

O conceito essencial de **seita** conecta-se com o de **heresia**, já que este significa o conjunto de idéias que, em princípio e face às consideradas dominantes, destas divergem e devem, portanto, ser rejeitadas. A questão da rejeição é, naturalmente, tão pura e simplesmente, apenas imposição do poder da estrutura ideológica que está no domínio.

3.3 - Etimologia

A palavra **seita** provém do latim *secta* (de *sequi*, que significa *seguir*), um curso de acção ou forma de vida, designando também um código comportamental ou princípios de vida ou ainda uma escola de filosofia ou doutrinas. Um *sectator* é um guia leal, aderente ou seguidor.

As palavras *sectarius* ou *sectilis* referem-se também ao corte ou acto de cortar, embora a etimologia da palavra não tenha semelhança alguma com a definição moderna que lhe é dada dentro do contexto actual.

3.4 - Seita religiosa

Seita designa um grupo de pessoas (um movimento) que professam nova ideologia divergente daquela da (s) religião (ões) que são consideradas dominantes e ou oficiais, geralmente dirigidos por líder com características de personalidade consideradas carismáticas, mas ainda com fraco ou pouco reconhecimento geral por parte da sociedade. Mas, já se viu a questão do reconhecimento é tão somente relativa.

Em oposição, o termo denominação religiosa é utilizado para designar os movimentos com reconhecimento geral na sociedade, embora, no Islão, os grandes grupos de seguidores wahhabis, xiitas e sunitas sejam considerados por muitos como seitas.

Muitas das chamadas "seitas" desmembram-se, cessam ou mudam de direcção ideológica e/ou doutrinária com o desaparecimento dos seus líderes. Outras vezes, na ampla dinâmica histórica, aqueles outrora ditos "seitas" passam a assumir posição de domínio.

Do ponto de vista legal, os estados ocidentais passam a reconhecer as seitas religiosas como denominações religiosas quando estas obtêm registo oficial como pessoa jurídica, embora a perseguição religiosa e as injunções de manipulação de poder nem por isso se extingam. Com efeito, têm sido uma prática constante ao longo dos tempos para os grupos *considerados como seitas*.

3.5 - Origem de algumas seitas

Somente uma Igreja foi fundada por Cristo e confiada a Pedro e seus legítimos sucessores – os Papas. Por isso ela, desde os primeiros séculos, foi chamada Igreja Católica – quer dizer UNIVERSAL – para todos. Todas as igrejas ou seitas cristãs têm seu fundador e a data de sua origem. Eis as datas de algumas delas:

- Protestantes – Luteranos: Fundados por Martinho Lutero (1484-1546) na Alemanha - sacerdote agostiniano - que depois se casou com uma ex-freira.
- Batistas: Por John Smith, clérigo anglicano, na Inglaterra e Holanda, no Século XVII. No Brasil desde 1871.
- Presbiterianos: Por John Knox, sacerdote católico, contagiado pela doutrina de Lutero e Calvino. Na Escócia, em 1560.
- Congregacionistas: Por Robert Brawne, clérigo anglicano, na Inglaterra em 1600.
- Metodistas: Por John Wesley, na Inglaterra, em 1727.

- Anglicanos Episcopais: Pelo rei da Inglaterra, Henrique VIII, em 1534, pelo "Ato de supremacia Régia". Obcecado pela paixão, casou-se 8 vezes, mandando executar algumas de suas ex esposas.
- Adventistas: Por William Miller - Estados Unidos, em 1831. Agricultor, sem estudos, predisse algumas vezes o fim do mundo, sem efeito!
- Testemunhas de Jeová: Por Charles Tazed Russel, Estados Unidos, em 1874. No Canadá, em pleno Tribunal jurou conhecer a língua grega. Sendo-lhe apresentado o Novo Testamento em grego, foi convencido de perjúrio. Sua mulher divorciou-se dele em 1897, acusando-o de adultério com duas mulheres, e de maus tratos.
- Igreja Apostólica: Por Eurico Matos Coutinho, que chama a si mesmo de "bispo". Morava em São Paulo, Brasil.
- Pentecostais e Assembleia de Deus: Por pastores de 100 congregações diferentes dos Estados Unidos, em 1914.
- Evangelho Quadrangular: É um ramo de Pentecostalismo, iniciado por Harold Williams, nos Estados Unidos, e promovido no Brasil desde 1940.

- Congregação Cristã no Brasil: Por Luís Francescou, em 1910, em Platina - Paraná, Brasil. Depois estabeleceu-se entre os migrantes italianos em São Paulo.
- Mórmons ou Igreja dos Santos dos Últimos Dias: Fundação fantástica de José Smith, em 1830, nos Estados Unidos.
- Igreja Universal do Reino de Deus: Fundada por Edir Macedo, em 1977, no Rio de Janeiro, Brasil. É um ramo pentecostal que leva as práticas de curas, milagres e exorcismo ao extremo. Edir Macedo foi um adepto da umbanda e se proclamou bispo da igreja fundada por ele e que já está presente em 46 países.

3.6 - No dealbar do III milénio

Seita, na significação mais coloquial, diz respeito a tudo aquilo que é socialmente inaceitável, onde vigora o fanatismo, o culto a personalidade, a lavagem cerebral, como o que aconteceu com a seita do Reverendo Moon e Pyotr Kuznetsov, o líder da seita russa que levou os seus seguidores para uma caverna em 2007 para aguardarem o fim do mundo, até o extremo em que todos ameaçavam cometer homicídio. Em geral estes pequenos grupos são fechados, tem rituais secretos e não respeitam a leis do país em que vivem.

Outro aspecto polêmico da palavra seita é quando alguém se arroga no direito de prestar uma desinformação a opinião pública, chamando de seita, denominações religiosas organizadas tradicionais e com grande identidade religiosa e cultural na história recente da humanidade. Para tal, tomando por bases, unicamente suas convicções religiosas para julgar, criticar, perseguir, discriminar e tentar convencer aos adeptos de outras religiões, que todos estão errados menos os que compactuam com seus pontos de vistas fechados e isentos de alteridade – justamente aquela qualidade que respeita ao outro e valoriza a diversidade de opiniões, de crenças e a liberdade de pensar. Se ponderarmos sobre o significado de seita no dicionário brasileiro Houaiss: "Sociedade cujos membros se agregam voluntariamente e que se mantém à parte do mundo." Infere-se que existem muitos grupos que podem até vir a ser considerados um tipo velado de seita, dedicada a conquistar corações e mentes para propósitos questionáveis como por exemplo: criticar e atacar outras manifestações religiosas, tentando achar "defeito e erros" doutrinários e, o pior: tentando "salvar" as pessoas de sua própria liberdade de escolher no que ela deseja confiar e crer. Tal tipo de perseguição não encontra espaço no dealbar do III Milênio – na era da tecnologia da informação e na era da construção colaborativa do conhecimento. Hoje há diversidade em tudo até na opção de ter ou não uma religião, crer ou não em Deus, enfim cada escolha é um exercitar da liberdade de consciência individual. Graças aos esforços pelo saber colaborativo, tudo o que é dito ou escrito na web aqui ou acolá, pode ser rapidamente confirmado, on line, ao clicar do mouse. A ditadura do consenso está cedendo lugar

ao espalhar do conhecimento e a uma selectividade natural pela informação correcta – esta sobrevive enquanto a informação falsa fenece pelo seu carácter de desinformação¹⁷.

Num olhar cristão fraternal, em relação a todas as igrejas, denominações cristãs, e demais expressões da religiosidade brasileira, num país de um profundo sincretismo religioso, (mais de 30 denominações religiosas) que tem seu registo constituído legalmente nos órgãos públicos competentes e que mantêm suas sedes, ou igrejas abertas ao público em geral, não está coerente, nem é moral, nem correcto, serem taxadas de seita, no sentido pejorativo desta palavra. Pelo princípio da alteridade todos tem que ser respeitados à luz do direito constitucional da liberdade de culto religioso e no quesito da tolerância.

Respeitar o direito do outro de ter a sua liberdade de consciência e de expressar sua religiosidade é um imperativo moral e ético. A observação deste princípio é uma pedra fundamental para convivência pacífica. É um dos pilares da vida democrática e um elemento que promove a civilidade e a humanidade em contraposição à intolerância, a crítica, ao preconceito e toda a forma de discriminação¹⁸.

¹⁷ Aqui na Wikipédia, uma das expressões pioneiras na construção do saber colaborativo há um verbete que define com propriedade a maioria das denominações religiosas o verbete é Denominações cristãs. Também o Jornal Folha de São Paulo publicou recentemente um organograma das Religiões que é bem ilustrativo e corrobora a tabela de denominações que está na Wikipédia.

¹⁸ O Brasil tem avançado muito, um exemplo foi a promulgação do dia 21 de Janeiro como sendo o "Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa".

3.6.1 - A Religião no desenvolvimento do angolano na era da Globalização

Longe de ver na religião e (sobretudo naquela cristã) um motor primariamente humano de desenvolvimento, estou convencido que se trata de um mistério que é resposta positiva da pessoa à chamada que sente na estrada da sua vida. Vejo na religião um lugar de desenvolvimento humano integral porque, percorrendo os códigos de todas as religiões e estudando os seus textos sagrados, apercebi-me que na profundidade de cada um desta existe uma força motriz que quer o crescimento da sociedade. Na África a religião cria um conceito de terra como de uma casa, que vem respeitada porque fonte de vida, e por isso as religiões em África nunca foram contra o desenvolvimento, porque a terra vem considerada como lugar de crescimento comunitário. A exploração da terra vem feita, mas nunca é um lugar de enriquecimento pessoal, mas de crescimento comunitário. O modelo mercantilista atual não se chama desenvolvimento e então é incompatível com a religião. (Padre José Adriano Ukwachali)¹⁹

¹⁹ Padre José Adriano Ukwachali, laureado com tese em Antropologia Cultural, na Universidade Católica de Milão, professor de Escatologia, Teologia Africana e Religiões Não Cristãs.

Não é necessário importar modelos de desenvolvimento para Angola, mas buscar na própria cultura da nossa terra o tipo de progresso justo para nós. A economia angolana hoje se transformou em capacidade oportunista de poucos e não se pode falar tão pouco de concorrência, mas aqui se passa uma "uma corrupção generalizada". O atual sistema sócio – económico produziu uma consciência que tirou toda a dimensão religiosa à criação, provocando o continuado destruir-se da Terra Mãe Angola, o seu regredir até perder a sua identidade de povo de trabalhadores desejosos do progresso humano integral da comunidade.

A religião dará ao angolano aquela consciência do facto que esta no mundo não para explora-lo, mas para transforma-lo e para metê-lo ao seu serviço, sempre na dimensão do necessário, numa relação de profundo respeito ecológico. O sistema criado pela guerra não é ecológico e gera exclusão e pobreza dos habitantes da "periferia do mundo". Impõe-se então, a urgência de respeitar a Mãe Terra e considera-la não como espaço de exploração mas de vida, um dom que deve ser respeitado.

Uma religião para que possa ser aceite por um africano, deve ser garante da propriedade comunitária do mundo e não um património exclusivo de alguns, porque na mentalidade africana o mundo é de todos e para isso deve ser compartilhado por todos²⁰. O novo modelo de vida que se criou em Angola com a guerra não cria desenvolvimento, mas a proposta ocidental atual não é também aquela válida num contexto africano banto, porque não favorece a solidariedade, o diálogo, a sensibilidade para o outro e o consenso.

²⁰ cfr. S. BERNAL, *Cultura e sviluppo in Africa: L'apporto delle religioni in Civiltà Cattolica*, 18, luglio 1992, anno 143, n.3410, p.148

As religiões em Angola e, sobretudo as cristãs, devem insistir num discurso ético com respeito daquilo que é a filosofia dos seus povos e das características sócio – organizativas das suas etnias.

As religiões em Angola são convidadas a entrar no novo período da colonização como “laboratórios” de oportunidades para um desenvolvimento de toda a comunidade angolana, chamando ao valor da solidariedade humana que significa responsabilidade para com o bem comum e com a propriedade privada que não significa “apropriação indevida” das riquezas do país, mas empenho para que o mundo melhore.

O absentismo que veio depois da guerra, a desconfiança no futuro que leva ainda hoje alguns angolanos a ter um espírito de “viver ao dia” com o medo que amanhã tudo seja destruído, a corrupção de alguns grupos, deve constituir matéria de corajosa profecia na Igreja angolana de hoje. A atual situação (8 paz depois de 30 anos de guerra), sem falsificar ou simplificar o passado ainda recente deve empenhar as religiões a olhar para a sociedade com o realismo do sofrimento que provocou este ou um outro angolano que nos é vizinho e que pode fazer nascer a vingança e então apresentar um projeto serio de reconciliação que saiba sarar as feridas ainda vivas.

O desenvolvimento humano de Angola faz-se através da “pacificação dos espíritos” e a “formação das mentes”, neste caso a prioridade pastoral em Angola deve ser aquela dedicar-se a entrar neste caminho para que se crie uma Angola que seja “preludio do paraíso”.

Como pede, João Paulo II, na sua mensagem de 1 de Janeiro de 2005, que a África seja protagonista do seu destino e do seu desenvolvimento, chegou a hora das religiões em Angola cooperarem com o governo e este facilitar o trabalho, para que estas possam criar povos que pensam em como libertar-se de todos os males que impedem o desenvolvimento integral da pessoa.

3.7 – Igreja Vs Seita

Todas as religiões implicam comunidades de crentes, mas estas encontram-se organizadas de maneiras muito diferentes. Max Weber e o seu colega, o historiador de temas religiosos Ernst Troeltsch (Troeltsch, 1981, appud Giddens 2007), foram os primeiros a apresentar uma classificação das organizações religiosas. Weber e Troeltsch estabeleceram uma distinção entre igrejas e seitas.

Uma igreja é um grande corpo estabelecido – como a Igreja Católica ou a Igreja de Inglaterra. Uma seita é um grupo de crentes menor e não tão hierarquizado, que surge normalmente como protesto contra uma Igreja – como sucedeu com os calvinistas ou com os Metodistas. As Igrejas têm, geralmente, uma estrutura burocrática formal, com uma hierarquia de funcionários religiosos, e tendem a representar a face conservadora da religião, em virtude de estarem integradas na ordem institucional existente. A maioria dos seus aderentes é filho dos membros das Igrejas.

As seitas são comparativamente pequenas. O seu objeto é descobrir "o caminho da verdade" e segui-lo, e tendem a afastar-se da sociedade que as rodeia indo para comunidades próprias. Os membros das seitas veem as igrejas estabelecidas como corruptas. A maioria tem poucos ou nenhuns funcionários, e todos os membros são tratados como iguais. Uma pequena percentagem de pessoas pertence à seita desde o nascimento, na maioria juntasse-lhe para aperfeiçoar a sua fé.

IV – Seitas religiosas em Angola

Para o Doutor Américo Kwononoca no seu trabalho, "**As religiões em Angola**", A introdução da doutrina cristã no que é o atual espaço que se chama Angola, teve início com a «evangelização sistemática a partir de 1490, quando os missionários católicos chegaram às "novas terras" e batizaram sucessivamente o governador do Soyo, em Abril de 1491 e Nzinga Nkhuvu, rei do Congo, em Maio desse mesmo ano».

1. A implantação da Igreja Católica nas áreas do Congo do Ndongo e Matamba estendeu-se ao extremo leste, nordeste e sudeste até ao século XX. A igreja cristã terá iniciado a sua atividade em Angola na década de 1850, com maior incidência na parte norte e centro. Tanto a igreja católica como a protestante comportam várias denominações e congregações. A partir do ano de 1980, assistiu-se a entrada em Angola de expatriados de várias nacionalidades oriundos, sobretudo da África Ocidental, região de populações maioritariamente muçulmanos (aderentes da religião Islâmica).

Como consequência, deu a implantação dessa religião primeiro em Lunada, estendendo-se atualmente a todo País. Assim, em Angola regista-se atualmente a presença das religiões cristãs (Católicos e Protestantes) e Islâmica como universais. O aparecimento de uma variedade de organizações religiosas esteve na base de diferentes interpretações dos textos bíblicos. Assistiu-se ao surgimento do movimento dos antonianos em Mbanza Congo e, mais tarde, como consequência lógica, ao tokoísmo no século XX, uma das mais importantes igrejas nacionais, fundada pelo Simão Gonçalves Toko.

Outra religião sincrética que tem emergido e encontrado um lugar de destaque na sociedade angolana é o Kimbanguismo. Decorrente desse fenómeno verifica-se hoje uma grande proliferação de organizações religiosas que podem ser classificadas em: a) igrejas espiritualistas, b) igrejas dissidentes da doutrina cristã e c) igrejas não cristãs. Algumas dessas igrejas surgiram como resposta a situação colonial tendo durante esse período, sobrevivido na clandestinidade, enquanto que outras foram introduzidas pelas comunidades angolanas que a partir de 1974 regressaram ao país.

2. É o monoteísmo atualmente predominante que justifica a crença na existência de um Ser Poderoso e Supremo designado Nzambi (entre Bakongo, Tucokwê e ambundu), Klunga (entre os Ngangela, Kwanyama, Axindonga e Helelo), e Suku (entre os ovimbundu e Nyaneka Khumbi). Essa entidade suprema considerada como criadora e supervisora do universo, é coadjuvada, segundo os povos bantu, por outros

deuses menores mas também poderosos, através dos quais de chega a ela. É o caso dos deuses da fecundidade, da caça, das chuvas, da sorte, da proteção, do gado, entre outros.

Para os Kung denominados pejorativamente pelos seus vizinhos de kamusekele (apreciadores da carne de porco espinho) ou Mukwankhala (comedores de caranguejos) e pelos europeus de bushman/bosquimanos, esse ser Supremo é conhecido como N!dii que significa céu nas línguas de kalahari central, Ndali ou Hishe. Acreditam ter sido afeto significativamente a sua atividade diária, apesar de intervir e ser invocado nos momentos de infortúnio, seca ou outras calamidades.

Os povos bantu creem na existência de dois mundos, nomeadamente o visível, cujo relacionamento e contato se efetuam através de rituais, preces e outras cerimónias dedicadas aos antepassados, por intermédio da invocação das forças dos espíritos que coabitam com os homens. Este facto é indicador de uma subordinação ou dependência total dos vivos em relação os espíritos ancestrais. A inacessibilidade dessa entidade suprema é ultrapassada através do culto aos antepassados, que intercedem junto de Nzambi, Kalunga ou Suku que está no topo das alturas, para que haja chuva, caça, proteção, fecundidade, fertilidade ou punição para os transgressores.

O fundamento da ancestrologia enquanto ramo de antropologia que se ocupa do estudo dos cultos e preces dedicados aos antepassados, tem essa dimensão cultural consubstanciada na interação entre vivos e antepassados. De recordar que em geral, os bantu na sua idiossincrasia acreditam que as pessoas não morrem, mas que transladam deste mundo para o outro com uma dimensão transcendental, onde usufrui das mesmas benesses como comida, roupa entre outras regalias que tinham antes das "mudanças". Este facto determina a realização de cerimónia de ofertas de bens e de veneração aos defuntos.

Regra geral, nas comunidades rurais, antes de se beber qualquer líquido entorna-se um pouco no chão como expressão de gratidão aos defuntos. Entre os Bakongo e os Tucokue, as cerimónias presididas por entidades tradicionais eleitas e reconhecidas pelo povo (e, sobretudo pelos anciãos), é comum "dar-se de beber primeiro aos antepassados através da aspersão da bebida a partir da boca para a área da cerimónia. Os Bakongos fazem também o nkunda ou três salvas de palma para pedir aos antepassados a autorização para qualquer evento. Em Mbanza Kongo, o sacerdote, profere as seguintes palavras dirigidas aos ankhulu (ancestrais) «Todos os Bakongo vieram daqui, porque deixaste algo importante. Estamos aqui perante entidades para pedir que a festa se realize na tranquilidade dos Nkhulu e não haja incidentes.

Por isso trouxemos maruvu para vos oferecer. A veneração dos espíritos dos antepassados, expressa nos cultos ritos e nas ofertas feitas pelos vivos, constitui, segundo a tradição, um requisito para a harmonização equilíbrio e tranquilidade comunitários. Caso contrário, a infertilidade a mortandade, as doenças e outros

infortúnios que ocorrem na comunidade serão atribuídos aos antepassados como punição pela desobediência. É justamente por isso, na maioria das comunidades rurais, se acredita que não há doença ou morte que não tenha como causadores, os antepassados "desprezados e não venerados, os quais através dos feiticeiros" 4 tidos como seus emissores, sancionam ou punem os transgressores.

Porém as pessoas têm o direito de consultar os adivinhos para descobrir as causas dos infortúnios para o efeito essa entidades de dimensão sócio religiosa não comum, manuseia os objetos que se guardam num cesto (os tucokwe designam-no ngombo ya cisuka) fazendo preces aos espíritos ancestrais para darem resposta ao consultante assim este é orientado no sentido de juntar uma série de bens para ser tratado pelo Kimbanda 5. Nos casos das chamadas "doenças espirituais como, por exemplo, as pessoas possuídas, mahamba (espíritos dos antepassados cokwe), ou kalundu (espíritos dos antepassados Ambundu), a resposta dos adivinhos tem sido quase a mesma: "os teus antepassados encarnaram em ti para satisfazeres os teus desejos e as tuas falas inconscientes e todas as manifestações que decorrem da tua doença é uma emanção deles" 6. Entre essas comunidades históricas (cokwe e Kimbundu), o kimbanda realiza um conjunto de tratamentos com preces ao som de música para afugentar os mahamba ou os kalundú. Neste ato, a pessoa possuída entra em transe (xinguilamento) até ser "liberta", mas devendo continuar a manter um série de obrigações, que entre as quais as ofertas de comida, bebidas e outros bens aos defuntos, num altar montado com figurinhas que representam os antepassados diariamente invocados e venerados.

As cerimônias de raiz tradicional, como componentes da vida socioeconômica cultural, integram e consolidam as instituições e eventos tidos como sagrados. Nas zonas onde a atividade principal é a agricultura, cerimônias rituais são realizadas aquando das primeiras chuvas e nas primeiras colheitas; se for uma sociedade de caçadores, o espírito do animal representa e integra a cerimônia dos caçadores que pode ocorrer na primeira caça dos iniciados ou nas grandes caçadas coletivas, sobretudo entre os Tucokue e os Ngangela. Na zona piscatória da Ilha de Luanda, a cerimônia da Kyanda, considerada como a padroeira do mar ou "Espírito do Mar", envolve não só a comunidade que se dedica a essa atividade, mas também outras individualidades. Os anciões e um grupo de mulheres vestidas à "besangana" de cor vermelha, vão à beira-mar levando consigo bebidas, alimentos, flores e dinheiro para atirarem ao mar como reconhecimento da prosperidade comunitária a ela devida, e também como uma petição para que as kalemás (ondas altas) não invadam e destruam os bens da comunidade. Em torno desse ritual, crê-se que a bebida serve para embriagar a Kyanda a qual quando estiver sob efeitos etílicos, dormirá profundamente originando a acalmia das ondas e a aproximação do peixe à superfície.

Entre os Nyaneka Humbi, a tradição é praticada e transmitida através de uma instituição conhecida como "Boi Sagrado" realizado anualmente a qual conclui o "cortejo do boi", e é tida como reminiscência dos antigos criadores e pastores. A finalidade desse ritual é inovar os espíritos desses antepassados para proporcionarem a prosperidade e a proteção do gado. Para esse grupo etnolinguístico, os rituais e as crenças em torno da fecundidade têm lugar com a confecção da kikondi (boneca de fibras vegetais) que são

entregues às raparigas casadoiras (logo que apresentam o primeiro fluxo menstrual) as quais as guardarão até gerarem o primeiro filho. Segundo a tradição, a procriação depende em geral desse amuleto, sem o qual a continuidade da vida seria impossível.

A autoridade máxima Nyaneka Humbi é o Ohamba a quem são atribuídos poderes extra-humanos. Antes do início das chuvas ele vai junto de uma perda sagrada e anuncia o Ongonjdi (proibição do cultivo da terra depois da primeira chuva, tida como sagrada) à população. Em seguida, o Ohamba realiza um ritual que consiste em mandar cair a chuva, travar ou controlar outros fenómenos atmosféricos. Este ritual é conhecido entre os Mungambwe, sob grupo Nhaneka Humbi, como opululo".

4.1 - Ki-mbanda "Cultura mística de Angola"

Ki-mbanda é uma das artes de vaticínio e cura desenvolvida pelos povos bantu, de Angola e Congo. O vaticínio é feito sempre mediante o chamamento dos espíritos dos antepassados. Transe, muxacato, jimbanba, são os sistemas mais conhecidos. Os Espíritos que chegam a Ki-mbanda são espíritos dos Nganga ou Tatás, (sacerdotes das nações bantu), aqueles que quando encarnados na terra eram sacerdotes. A Ki-mbanda, chegou até aos nossos dias, de geração em geração, por tradição oral.

A Ki-mbanda tem tendências para o sincretismo. Por isso passou por muitas transformações tanto no Congo, em Angola e na diáspora bantu, e é parte do sistema religioso tradicional de Angola. A ki-mbanda está presente em sete constelações étnicas de Angola e também na diáspora bantu.

Os Ki-mbanda, Ki-mbadeiros (as) ou curandeiros (as), são sacerdotes angolanos que têm o dom de vaticinar e de curar e são conhecedores de diversas artes espirituais tradicionais de cura de doenças, sem pretensão ao exercício da medicina. O Ki-mbanda através da evocação de espíritos de sacerdotes antepassados, descobre crimes, causas espirituais ou mágicas de doenças, indica as pessoas, e aconselha o seu afastamento com receitas da mesma ordem. Nunca deixa de recorrer a farmácia da natureza sob orientação dos espíritos evocados.

A terapêutica tradicional angolana (ki-mbanda), comporta duas partes distintas: parte sobrenatural e a parte farmacológica. Os europeus, na defesa dos seus interesses e por não compreenderem muito bem o que era a Ki-mbanda, ilegalizaram-na, afirmando que era coisa do diabo. Em 1532-1888, enviaram para a escravidão, a maioria e os melhores dos sacerdotes e sacerdotisas da ki-mbanda de Angola e Congo. Chegados ao Brasil, esses sacerdotes e sacerdotisas vendidos como escravos e os restantes escravos (kassanges, Kikongos, Kimbundu, Umbundu e Kiocos), fundaram a nação Angola, onde praticavam a Ki-mbanda. Foi nessa mesma nação, que se desenvolveu a grande e poderosa religião afro-brasileira.

Podemos assim dizer, que a religião afro-brasileira tem como mãe a ki-mbanda de Angola praticada até ao século XVIII.

Os angolanos que ficaram em Angola, continuaram a praticar a ki-mbanda secretamente e muitos se desligaram desta arte, para não serem enviados para as cadeias, pelas autoridades coloniais em colaboração com a igreja católica romana e determinados sobas (chefes tribais), que não passavam de "cães de guarda" dos colonizadores, mas também praticavam a ki-mbanda as escondidas. Aqui podemos compreender as razões do subdesenvolvimento da ki-mbanda em Angola.

Os europeus coagiram todos os angolanos a receber o baptismo cristão e a professar a fé judaico-cristã. Os que não aceitavam o baptismo cristão, viam seus direitos cancelados. Depois de 30 anos de independência, por falta de investigação e promoção por parte de quem cuida da cultura angolana, a ki-mbanda foi ultrapassada pela feitiçaria. O feiticeiro lida com forças negativas que ele manipula contra suas vítimas. O feiticeiro é constante ameaça à população, porque lida com as forças do mal.

Em homenagem aos 4000 anos da cultura Bantu, está a ser preparado por várias pessoas de Angola, Portugal, Canadá, Brasil, o manual moderno da ki-mbanda, que tem como objectivo principal, desenvolver, modernizar e enriquecer a ki-mbanda, através de:

1. Divulgar alguns valores místicos angolanos produzidos em diferentes culturas de Angola.
2. Modernizar alguns aspectos da ki-mbanda, para que pessoas de qualquer crença, possam beneficiar das suas vantagens.
3. Introduzir valores místicos produzidos em diferentes culturas de Angola.
4. Internacionalizar a ki-mbanda, introduzindo valores místicos internacionais.
5. Formar ki-mbandas, de forma a profissionalizar esse ramo da cultura angola, com métodos novos e aceitáveis.

No manual moderno do ki-mbanda, poderá aprender e desvendar mistérios, resolvê-los e organizar com boa intenção, cultos e rituais angolanos.

Culto de Nzambi, Culto ancestral, Calundu de Família, M'banda-arte de curar, Mpolo de Lembá, Muxacato, Nkisi, Óleo de Nzambi, Oração de Lembá, Oração de Nzinga Mbandi, Produtos da religiosidade angolana, Santu de Cazola, são abordados no manual moderno do kimbanda.

4.2 - Testemunho sobre a profissionalização da cultura mística angolana na Europa

Duas lojas, **Inzo ia Nzambi e Ki-mbanda**, foram inauguradas por duas angolanas que vivem na Espanha. Henda (22 anos) e Welwitchia(24 anos). Pretendem homenagear e divulgar a cultura mística angolana no estrangeiro. Ambas são católicas e de famílias profundamente católicas. Por influência do Cristianismo, viveram sempre afastadas das tradições religiosas angolanas, porque ouviam dizer, que a religião angolana é feitiçaria. Apenas depois de entrarem na faculdade em Espanha, perceberam que estavam erradas e que, esse erro reflectia-se na vida de ambas como um Sumu kua Nzambi (um pecado contra Nzambi) e tinham de reparar-lo.

Henda e Welwitchia comercializam: óleo de Nzambi, velas de Nzambi, ndele ni ndua, pemba, aka, tukaletto, tuseketo, diburi, xingazamba, ucuusso, maxmaxito, missangas, santu de cazola, estatuetas do pensador, muxacato angolano, máscaras, cestos de adivinhação cõkwe, imagens e um livrinho com a história de da rainha Ginga, djangos em miniatura, o mapa de África com uma grande pegada em cima, simbolizando as supostas pegadas de Nzambi vistas na antiguidade em Angola e em toda a África, contos angolanos traduzidos para espanhol, oração de Lemba e até trajo de béssangana por encomenda. Preparam também, nkisis para diversos fins. Pensam no futuro organizar e introduzir na Europa, o culto dos antepassados, o pilar principal da religião angolana. €1000.00 é a renda mensal de cada loja. Henda, ainda arranja tempo nas férias, para vaticinar para os turistas, usando o tradicional muxacato de Angola.

4.3 – Quadro legal da Religião em Angola

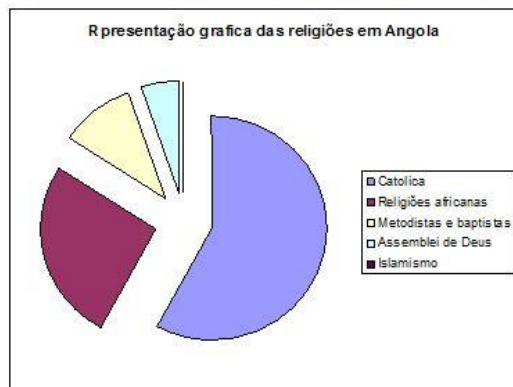
A Constituição consagra a liberdade religiosa e outras leis e políticas contribuíram para a livre prática religiosa, em geral. O Governo, dum modo geral, respeitou a liberdade religiosa na prática. Não houve mudança quanto ao respeito pela liberdade religiosa por parte do Governo durante o período coberto por este relatório. Houve relatos isolados de abusos sociais ou discriminação com base na confissão, fé ou prática religiosa.

O Governo dos Estados Unidos discute as questões de liberdade religiosa com o Governo como parte da sua política global de protecção dos direitos humanos.

4.3.1 - Demografia Religiosa de Angola

O país tem uma área total de 1.246.700Km² e a sua população é de aproximadamente 16 milhões. A maioria da população é cristã e desta, o maior grupo é o Católico Romano. A Igreja Católica calcula que 55% da população seja católica, mas isto não pôde ser verificado. Os dados do Instituto Nacional dos Assuntos Religiosos (INAR) indicam que as denominações cristãs africanas representam 25% da população; 10% da população segue as principais denominações protestantes como Metodista, Baptista, Congregacionalista (Igreja Unida de Cristo) e Assembleia de Deus; e 5% pertence a várias igrejas evangélicas brasileiras. Uma pequena parte da população rural pratica o animismo ou religiões tradicionais

indígenas. Há também uma pequena comunidade islâmica, estimada em 80.000 a 90.000 fiéis, composta sobretudo por imigrantes da África Ocidental e famílias de origem libanesa.



4.3.2 - Situação da Liberdade Religiosa Quadro Legal/ Político

A Constituição consagra a liberdade religiosa e outras leis e políticas contribuíram para a prática religiosa livre, em geral. Contudo, as normas sobre o registo e a legalização de igrejas podem constituir uma barreira à liberdade religiosa na prática.

O Governo exige que os grupos religiosos requeiram a sua legalização nos Ministérios da Justiça e da Cultura. A legalização concede aos grupos religiosos o direito de atuarem como pessoas jurídicas no sistema judicial, garante a sua posição como grupos religiosos oficialmente registados e permite-lhes construir escolas e igrejas. Os grupos devem fornecer informação de carácter geral sobre os seus antecedentes e ter pelo menos 100.000 fiéis adultos para se poderem registar.

4.3.3 - O Natal e a Sexta-Feira Santa são feriados nacionais.

Restrições à Liberdade Religiosa

O Governo, em geral, respeitou a liberdade religiosa na prática. Não houve mudança quanto ao respeito pela liberdade religiosa por parte do Governo durante o período coberto por este relatório.

Os Ministérios da Justiça e da Cultura reconhecem 85 denominações. Mais de 800 organizações religiosas, muitas das quais são grupos evangélicos de origem congolesa ou brasileira, tinham pedidos de registo pendentes no INAR. Não satisfazem os requisitos quanto ao número de membros, pelo menos 100.000 membros, e, portanto, não reúnem as condições para se legalizarem, mas o Governo não proibiu a sua atividade durante o período abrangido pelo relatório. O Governo não legalizou qualquer grupo religioso durante o período coberto pelo relatório, incluindo grupos islâmicos. Durante vários anos, o INAR informou que a comunidade muçulmana, representada pela Mesquita Central de Luanda ainda não obteve estatuto legal. No fim do período do relatório, a Mesquita Central ainda não se tinha legalizado. A comunidade muçulmana, em particular, é afetada pela sua limitação numérica, pois muitos dos seus fiéis são, alegadamente, imigrantes ilegais e, portanto não contam para o mínimo exigido por lei. Os membros do clero usam regularmente os seus púlpitos para criticar as políticas do governo, embora os líderes religiosos pratiquem a autocensura com relação a questões particularmente sensíveis como os direitos humanos, a pobreza, a governação e a intolerância política. A Rádio Eclésia, pertencente à Igreja Católica, emite na província de Luanda e organizou muitas vezes debates vivos que abarcaram o espectro político e criticaram, às vezes, as políticas do governo. Contudo, a Lei de Imprensa exige que as rádios privadas estejam presentes numa província para poderem transmitir aí. Devido à sua capacidade financeira limitada, este requisito afeta a capacidade da Rádio Eclésia de se expandir para fora de Luanda. Embora a lei não reconheça a feitiçaria, o Governo não limita a sua prática pacífica. As ações ilegais cometidas durante a sua prática ou qualquer outra religião ou crença são puníveis segundo as leis penais aplicáveis.

Não houve denúncias de presos ou detidos por motivos religiosos no país.

4.3.4 - Violações à Liberdade Religiosa

Em Novembro de 2007 o Governo recebeu a visita de Asma Jahangir, a Relatora Especial das NU sobre Liberdade de Religião e Fé. O seu relatório criticou a falta de oportunidade para os presos muçulmanos de prestar culto nos locais de detenção, notou alguma retórica ocasional anti muçulmana por parte de funcionários do governo em entrevistas aos média e expressou preocupação com o impacto que as tensões políticas em Cabinda possam ter no livre exercício da liberdade de religião ou fé nessa província.

Conversões Religiosas Obrigatórias

Não há relatos de conversões religiosas forçadas, incluindo de cidadãos dos EUA menores, que tenham sido raptados ou retirados ilegalmente dos Estados Unidos, nem de recusa em permitir que esses cidadãos sejam devolvidos aos Estados Unidos.

Melhorias e Evolução Positiva com Respeito à Liberdade Religiosa

Em Novembro de 2007 o Governo recebeu a visita de Asma Jahangir, a Relatora Especial das NU sobre Liberdade de Religião e Fé. O seu relatório criticou a falta de oportunidade para os presos muçulmanos de prestar culto nos locais de detenção, notou alguma retórica ocasional anti muçulmana por parte de

funcionários do governo em entrevistas aos média e exprimiu preocupação com o impacto que as tensões políticas em Cabinda possam ter no livre exercício da liberdade de religião ou fé nessa província.

Depois das dificuldades encontradas em 2006, os líderes muçulmanos informaram que o Governo permitiu que as mesquitas funcionassem livremente durante o período do relatório.

4.3.5 - Abusos e Discriminação Social

Houve relatos isolados de abusos e discriminação social com base na confissão, fé ou prática religiosa. As atitudes públicas com relação ao Islão foram geralmente negativas. As diferenças entre angolanos e imigrantes muçulmanos oeste-africanos foram referidas como sendo a base para opiniões negativas sobre o Islão, pois se julga que há uma ligação entre o Islão e a imigração ilegal.

Agências do governo, grupos religiosos e organizações da sociedade civil continuaram as campanhas contra as religiões tradicionais que envolvem, xamãs, empregam sacrifícios de animais ou foram identificadas com a prática de feitiçaria. O objectivo destas campanhas foi desencorajar práticas abusivas que possam às vezes resultar de crenças indígenas tradicionais, em particular violência associada ao exorcismo. As organizações religiosas incidiram em questões doutrinárias relativas a práticas como sacrifícios de animais ou o uso de xamãs. Houve relatos periódicos de abusos de crianças e idosos, que derivam de acusações de feitiçaria, geralmente em zonas rurais e cidades menores. Nalguns casos, estas

acusações conduziram aos rituais de exorcismo que incluíram negligência e abusos físicos. Em alguns casos houve denúncias de mortes, incluindo a morte em Dezembro de 2007 dum rapaz que tinha sido raptado e espancado por um professor, que suspeitava do seu envolvimento em atos de feitiçaria.

4.3.6 - Política do Governo dos EUA

O Governo americano discute as questões relativas à liberdade religiosa com o Governo como parte da sua política global de promoção dos direitos humanos. Os funcionários da Embaixada, incluindo o Embaixador, mantiveram um diálogo permanente com líderes das confissões e associações religiosas do país.

Depois das dificuldades encontradas em 2006, os líderes muçulmanos informaram que o Governo permitiu que as mesquitas funcionassem livremente durante o período do relatório. Os Ministérios da Justiça e da Cultura reconhecem 85 denominações. Mais de 800 organizações religiosas, muitas das quais são grupos evangélicos de origem congolesa ou brasileira, tinham pedidos de registo pendentes no INAR. Não satisfazem os requisitos quanto ao número de membros, pelo menos 100.000 membros, e, portanto, não reúnem as condições para se legalizarem, mas o Governo não proibiu a sua actividade durante o período abrangido pelo relatório.

Os Ministérios da Justiça e da Cultura reconhecem 85 denominações. Mais de 800 organizações religiosas, muitas das quais são grupos evangélicos de origem congoleza ou brasileira, tinham pedidos de registo pendentes no INAR. Não satisfazem os requisitos quanto ao número de membros, pelo menos 100.000 membros, e, portanto, não reúnem as condições para se legalizarem, mas o Governo não proibiu a sua atividade durante o período abrangido pelo relatório.

Conclusões

A questão da religião em Angola é uma questão de suma importância, na medida em que, ela quase que se confunde com a sua própria história²¹ e cultura²². Importa igualmente salientar que apesar de ser a mais popular e com número mais elevado de fiéis, o Cristianismo²³, não é a religião genuína de Angola, uma vez que, a história nos ensina, que tal como o domínio colonial Português, o Cristianismo foi-nos imposto pela força, constituindo sem dúvida, um dos traços mais fortes, se não o mais forte da nossa história e cultura.

²¹ Segundo o **Bispo da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo, Afonso Nunes**, num apelo a maior divulgação da cultura de Angola, "A Igreja tocoista foi a primeira a sensibilizar as populações através das sagradas escrituras os ideais de libertação e da necessidade de lutar pela Independência de Angola em particular e do continente africano em geral".

²² Entendendo cultura como sendo o conjunto de conquistas de um povo ao longo da sua história nos domínios da magia, tecnologia e religião.

²³ Apesar de a constituição angolana primar por um Estado laico, existe um claro pendor para o catolicismo, pois que, celebrações religiosas como a Páscoa, Natal e outras, são comemoradas oficialmente pelo Estado angolano.

As questões socioeconômicas a que os angolanos estão sujeitos, fruto da conjuntura sócio político econômica do pós-independência e dos 30 (trinta) anos de guerra quer de libertação nacional, quer interna e pelo poder desencadeada por angolanos e contra angolanos, constitui outro elemento importantíssimo quando se trata de analisar as questões religiosas do nosso país, e todas as outras. Atendendo que a população angolana é maioritariamente analfabeta e rural, tendo em conta entre vários aspectos o dito popular segundo o qual "A religião é o ópio do povo", a sociedade angolana em particular e africana em geral, são sem dúvida as mais férteis para o crescimento e fortalecimento quer das religiões grandes referidas por Weber, quer as pequenas ou totemistas referidas por Durkheim, com certo destaque para as chamadas seitas religiosas que foram objeto do nosso estudo. Dai que, pensamos ser a razão pela qual na sua recente passagem por Angola e pelos Camarões o chefe da Igreja católica, Papa Bento XVI, ter afirmado que "O futuro da religião esta em África".

No nosso caso particular, as seitas religiosas têm incorrido por inúmeras vezes em graves crimes, pois que, tal é o baixo nível de instrução das pessoas porém, induzidas pelos seus chefes religiosos, massacram crianças, torturando-as e acusando-as de feiticarias,²⁴ sob falsas promessas, jovens violam as próprias

²⁴ No Andulo, província do Bié, um homem cortou a cabeça da filha porque tinha de provar a sua devoção à seita "Teste", o Instituto Nacional da Criança denunciou a seita religiosa. A directora do INAC, Fernanda do Carmo, qualificou o crime, já julgado e condenado pelo Tribunal do Andulo, "como uma das maiores violações dos direitos humanos nesta parcela do país.

mães com o objetivo de obter enriquecimento fácil e muitas outras situações que em nada abonam o surgimento de tais seitas religiosas.

Segundo Fátima Veiga, a Diretora Nacional para Assuntos Religiosos, durante a palestra subordinada ao tema **"contributo da Igreja para o desenvolvimento da sociedade"**, desde 1987 até à presente data, o Governo reconheceu um total de 83 instituições religiosas e organizações, mas mais de 900 estão instaladas no nosso país e que não se encontram juridicamente reconhecidas. Facto que, a nosso ver merece maior intervenção do Governo²⁵ no sentido de proteger a população contra os oportunistas que se aproveitam da ingenuidade das nossas populações pra lhes extorquir o pouco que ainda lhes resta.

²⁵ Esta observação não quer afirmar que o Governo de Angola não tem agido em defesa das suas populações pois que a expulsão do território Angolano da Igreja Maná, é uma amostra clara da atenção que o Governo presta a estes caso, porém, pensamos que o Governo deveria ter um papel mais activo no combate a proliferação de seitas religiosas que ponham em perigo quer os valores culturais do país, quer a integridade física dos cidadão assim como violações constantes a legislação em vigor.

Já a finalizar e contrariando Durkheim e Marx quando afirmam que as religiões baseadas em divindades teriam o seu fim nas sociedades modernas, tal é a gravidade deste problema entre nós que, inclusive pessoas com certo grau de esclarecimento, e falamos de casos recentes em Luanda onde pessoas inclusive em Bairros como a Vila Alice em Luanda e outros, pessoas afetas a Igreja Universal do Reino de Deus, venderam as suas casas e ofereceram o dinheiro a Igreja, pois que, lhes terá sido pregado que receberiam em dobro o dessem a Igreja, e hoje muitas delas andam na miséria. Importa salientar que, a mesma Igreja terá tido a mesma atitude em Mocimboa do Ocidente, e terá sido expulsa daquele país irmão.

BIBLIOGRAFIA

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. Católicos, Protestantes, Espíritas, Petrópolis: Vozes, 1973.

HOUTART, François. Sociologia da religião. São Paulo: Ática, 1994.

JARDILINO, José Rubens Lima; SOUZA, Beatriz Muniz de; GOUVEIA, Eliane Hojaj. Sociologia da religião no Brasil. Educ, 1999.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Igreja: contradições e acomodação. São Paulo: Brasiliense / CEBRAP, 1978. 188 p.

- PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, R. A realidade social das religiões no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1996. 294 p.
- SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luis Mauro Sá. Sociologia da religião e mudança social São Paulo: Paulus, 2004.
- TEIXEIRA, Faustino. Sociologia da religião. Petrópolis: VOZES, 2003.
- WACH, Joachim; CANCIAN, Attilio. Sociologia da religião. São Paulo: Paulinas, 1990.
- PRANDI, Reginaldo, Os Candomblés de São Paulo, Hucitec, 1991
- Cultura Tradicional Banto, Luanda, 1985
- ANSTEE, M., J., Órfão da guerra fria, radiografia do colapso do processo de paz angolano 1992/93, Campo das Letras, Lisboa 1997
- BARBINA, La geografia delle lingue, lingue, etnie e nazioni, carocci, Roma 2002
- BASTIDE, R., Il sacro selvaggio, jaca book, Milano 1997
- BERNARDI, Nel nome d'Africa, Franco Angeli, Milano 2001
- BOROFISKY, L'Antropologia Culturale oggi, Meltemi, gli argonauti, Roma, 2000
- CARRIER, Evangelisation et développement des cultures, Pontificia Università Gregoriana, Roma 1990
- CHILDS, M., Umbundu, kinship and character, International African Institute, London 1949
- DANOZ, Inculturación cristiana del matrimonio africano-bantu, perpetuo socorro, Madrid 1987
- DAVIDSON, B., La civiltà africana, einaudi, Torino 1997
- DURKHEIM, Le regole del metodo sociologico, sociologia e filosofia, ed. Di comunità, Milano 1963

- EDWARDS, The ovimbundu under two sovereignties. A study of social control and social change among a people, International African Institute, London 1962
- ELIADE, La nostalgia delle origini, storia e significato nella religione, morcelliana, Brescia 2001
- ESTERMANN, Etnografia de Angola, I.I.C.T., Lisboa 1983
- EVERDOSA, Arqueologia Angolana, ed 70, Lisboa 1980
- FABIETTI, L'identità etnica, storia e critica di un concetto equivoco, NIS, Roma 1995
- GABRIEL, M., Angola, cinco séculos de cristianismo, Paz, Bragha, 1985
- GEERTZ, Mondo globale, mondi locali, cultura e politica alla fine del ventesimo secolo, Il Mulino, Bologna 1998
- GIDDENS, Antony; "SOCIOLOGIA"; 5ª Edição; Fundação Calouste Gulbekian; Lisboa 2007; 725p
- HENDERSON, A Igreja em Angola, Além Mar, Lisboa 1990
- KI-ZERBO, Historia da África Negra, Pub.Europa-América, Lisboa 1972
- JANHEINZ, Muntu, la civiltà africana moderna, Einaudi, Torino 1961
- LAPLANTINE, 50 parole chiavi dell'antropologia, Paoline, Catania 1975
- LUFULUABO, Orientation pré-crétienne d la conception bantou, Leopoldville 1964
- LUKAMBA, A., Evangelização como "encontro vivo"na cultura umbundu de Angola, perspectivas eclesiológicas, São Paulo (Brasília) 1987
- McCULOCH, M., The ovimbundu of Angola, London 1952
- OTTO, Il sacro, Feltrinelli, Milano 1966

PETRARCA, Pagani e cristiani Nell' Africa nera, sellerio, Palermo 2000

RADCLIFFE-BROWN, African systems of kinship and marriage, London 1966

RIVIERE, I riti profani, Armando Editore, Roma 1998

SANTOS, Religiões de Angola, Estudos Missionários, Lisboa 1968

FONTE: MONOGRAFIAS.COM

<http://br.monografias.com/trabalhos3/as-seitas-religiosas-em-angola/as-seitas-religiosas-em-angola2.shtml#ivseitasra>

Adaptação: Luiz L. Marins



www.luizlmarins.com.br



